



EVELLIN CRISTINA DA SILVA

**AJUDA HUMANITÁRIA EM CONFLITOS ARMADOS: O CASO DO CERCO DE
ALEPPO**

João Pessoa

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EVELLIN CRISTINA DA SILVA

**AJUDA HUMANITÁRIA EM CONFLITOS ARMADOS: O CASO DO CERCO DE
ALEPPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a conclusão do Curso
de Graduação em Relações Internacionais da
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh
Vahdat Ferreira

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Evellin Cristina da.

Ajuda Humanitária em Conflitos Armados: O Caso do Cerco de Aleppo / Evellin Cristina da Silva. - João Pessoa, 2018.

76 f. : il.

Orientação: Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Ajuda Humanitária; Aleppo; Organizações. I.
Ferreira, Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat. II. Título.

UFPB/CCSA

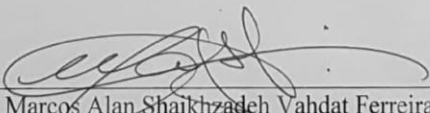
EVELLIN CRISTINA DA SILVA

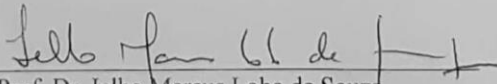
**AJUDA HUMANITÁRIA EM CONFLITOS ARMADOS:
O CASO DO CERCO DE ALEPPO**

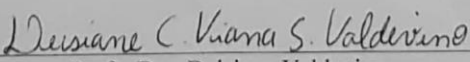
Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado (a) em: 31/10/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB


Prof. Dr. Ielbo Marcus Lobo de Souza
Universidade Federal da Paraíba - UFPB


Profa. Dra. Deisiane Valdevino
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela oportunidade. Em especial aos meus pais, João José da Silva e Elizabeth Cardoso da Silva, pelo exemplo e apoio incondicional em cada etapa dos meus estudos. Aos meus irmãos por todo o estímulo e principalmente minha irmã, Erlane Maria da Silva, por acompanhar essa jornada e sonhar comigo.

A todos os meus amigos e colegas, que fizeram parte da minha vida pessoal e dentro da Universidade Federal da Paraíba, compartilhando bons momentos durante esse período de 2014 até 2018. Aos ótimos professores do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, com quem pude aprender durante esses anos e compreender um pouco mais a realidade que nos cerca.

Em especial ao meu orientador, Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira, por influenciar de maneira positiva o meu interesse por assuntos internacionais relacionados com a Paz.

Grata por esta jornada e todas as oportunidades.

“Quando a gente abre as janelas, não tem um barulho de vida sequer. Não existem flores, não existem cores e até os pássaros já nos deixaram”.
(Myriam Rawick)

RESUMO

Esta monografia examina como se configurou a Ajuda Humanitária em Aleppo no ano de 2016. Para compreender como foi realizada, primeiro é feita a contextualização do conflito sírio para evidenciar como o país e a cidade de Aleppo chegaram em um cenário de crise humanitária. Para isso, é discutido o surgimento do Estado sírio, sua complexidade étnica e as insatisfações populares que ocasionariam depois em diversas manifestações por todo o país. Posteriormente, o conflito se tornaria uma Guerra Civil, em que diversos atores participam e buscam garantir seus interesses. Uma parte desses atores, inclusive parte da população, deseja a retirada do presidente Bashar al-Assad, no entanto, o presidente também recebe apoio de atores que desejam sua permanência. A segunda parte do trabalho foca no que é a Ajuda Humanitária e quais são os principais atores envolvidos nessa ação, além de apontar em quais situações a ajuda pode acontecer e o que é fornecido aos civis. Neste ponto, é evidenciado também a evolução do humanitarismo e sua ligação com os Direitos Humanos e o Direito Internacional Humanitário. Após a discussão sobre o contexto do conflito e a definição da ajuda humanitária, é, por fim, exposto a assistência realizada em Aleppo no ano de 2016 por três organizações, são elas a Cruz Vermelha, em parceria com o Crescente Vermelho Árabe Sírio, os Médicos sem Fronteiras e os Capacetes Brancos, grupo que surgiu durante o conflito. Ao final, além de discutir os dados que foram levantados, também são destacadas as limitações e o que não foi aprofundado.

Palavras-chave: Ajuda Humanitária; Aleppo; Organizações.

ABSTRACT

This monograph examines how Humanitarian Aid was set up in Aleppo in the year 2016. In order to understand how it was done, first the contextualization of the Syrian conflict is made to evidence how the country and the city of Aleppo turned in a scenario of humanitarian crisis. For this, is discussed the emergence of the Syrian state, its ethnic complexity and the popular dissatisfactions that would later lead to various demonstrations throughout the country. Subsequently, the conflict would become a Civil War, in which several actors participate and seek to guarantee their interests. A part of these actors, including part of the population, wants the withdrawal of President Bashar al-Assad, however, the president also receives support from actors who desire his permanence. The second part of the monograph focuses on what is what is Humanitarian Aid and what are the main actors involved in this action, in addition to pointing out in which situations help can happen and what is provided to civilians. At this point, the evolution of humanitarianism and its connection with Human Rights and International Humanitarian Law is evidenced. After the discussion on the context of the conflict and the definition of humanitarian aid is exposed the assistance held in Aleppo in the year 2016 by three organizations, they are the Red Cross, in partnership with the Syrian Arab Red Crescent, Doctors without Borders and White Helmets, a group that emerged during the conflict. In its closure, in addition to discussing the data that have been raised, it is also addressed what has not been deepened.

Keywords: Humanitarian Aid; Aleppo; Organizations.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	14
Capítulo 1 - A Guerra Civil Síria.....	18
1.1 A “Grande Síria” e o surgimento da República.....	18
1.2 A Primavera Árabe e o Conflito Sírio	20
1.3 O Contexto e Atores Domésticos	21
1.4 O Contexto Regional	23
1.5 Grandes Potências no conflito	25
1.5.1 Rússia	25
1.5.2 Estados Unidos.....	27
1.6 A Batalha de Aleppo.....	28
Capítulo 2 - A Ajuda Humanitária: aproximações teóricas e conceituais.....	34
2.1 Surgimento e Evolução do Humanitarismo.....	34
2.2 O Direito Internacional Humanitário.....	37
2.3 Ajuda e Intervenção Humanitária.....	39
2.3.1 Os Atores Humanitários	43
2.3.2 Dimensões da Ajuda Humanitária	46
Capítulo 3 - A Ajuda Humanitária em Aleppo.....	49
3.1 Atuação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.....	50
3.2 Atuação dos Médicos Sem Fronteiras	55
3.3 Atuação dos Capacetes Brancos	58
CONCLUSÃO.....	62
Referências Bibliográficas.....	66

LISTA DE FIGURAS

Figura I - A Batalha por Aleppo em 2015-2016.....	32
Figura II - Cuidados com a saúde para os Doentes e Feridos.....	51
Figura III - Aleppo em foco na Ajuda Humanitária	52
Figura IV - A atuação do CICV e SARC em Aleppo em 2016.....	54
Figura V - A atuação dos MSF em Aleppo em 2016	57
Figura VI - A ajuda humanitária dos MSF no hospital Salamah em 2016.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela I - Atores Externos e Internos no Conflito Sírio no período de 2011-2013	28
Tabela II - Grupos Armados Opositores em Aleppo	30
Tabela III - Ajuda Humanitária em Aleppo fornecida pelo CICV e o SARC em 2016.....	52
Tabela IV - Norte e Leste Sírio: Número de instalações médicas apoiadas pelos MSF em 2015	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUDH	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
CICV	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
DH	Direitos Humanos
DI	Direito Intenacional
DIH	Direito Internacional Humanitário
ELS	Exército Livre da Síria
EUA	Estados Unidos da América
FAO	<i>Food and Agriculture Organization</i> (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura)
HAD	<i>Human Affairs Department</i> (Departamento de Assuntos Humanitários)
IASC	<i>Inter-Agency Standing Committee</i> (Comitê Permanente Inter-organizacional)
ICDO	<i>International Civil Defence Organisation</i> (Organização Internacional de Defesa Civil)
ISIS	<i>Islamic State</i> (Estado Islâmico do Iraque e da Síria)
MSF	Médicos Sem Fronteiras
OCHA	<i>Office for the Coordination of Humanitarian Affairs</i> (Escritório para a Coordenação de Assuntos Humanitários)
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações Não-governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAQ	Organização para Proibição de Armas Químicas
OSDH	Observatório Sírio dos Direitos Humanos
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUD	Partido de União Democrática
R2P	Responsabilidade de Proteger
RAU	República Árabe Unida
SARC	<i>Syrian Arab Red Crescent</i> (Crescente Vermelho Árabe Sírio)
UDP	Unidades de Defesa do Povo
UE	União Europeia
UNICEF	<i>United Nations Children's Fund</i> (Fundo das Nações Unidas para a Infância)

WFP

World Food Programme (Programa Alimentar Mundial)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca examinar como se configurou a ajuda humanitária para os civis que permaneceram em Aleppo ou que tentaram se descolar na cidade. O conflito na Síria começou com manifestações pacíficas contra o governo de Bashar al-Assad e transformou-se em uma Guerra Civil que teve início em 2011 e perdura por sete anos. Porém, não é um conflito com participação apenas de cidadãos opostos ao governo, pois há também presença de atores estrangeiros e grupos de oposição armados, por isso, os territórios ficaram divididos e aconteceram deslocamentos e mortes da população (TYNER, 2016).

Os atores estrangeiros envolvidos, ou que possuem interesse na Guerra da Síria, podem ser separados em três. Primeiro, os que apoiam o governo de Assad e colaboram para defender seu regime dos opositores, alguns desses atores são a Rússia e o Irã. Segundo, os que são oposição e desejam a saída de Assad, é o caso da Turquia, Arábia Saudita e Estados Unidos. Por fim, há os atores regionais que não possuíam uma posição evidente, como, por exemplo, Israel e Iraque (MARTINI; YORK; YOUNG, 2013). Acerca de atores nacionais ou regionais, existem grupos com diversos interesses, mas um exemplo é a Coalizão Nacional das Forças Revolucionárias e de Oposição da Síria e o Exército Livre da Síria.

Os conflitos entre esses atores e as forças do governo resultaram em uma séria crise humanitária. O número de pessoas mortas, que se deslocaram internamente ou se refugiaram em outros Estados, podem variar de acordo com os relatórios, mas informações do Observatório Sírio dos Direitos Humanos aponta que ao menos 500 mil mortes aconteceram na guerra. O conselho de Segurança das Nações Unidas registra em média 12 milhões de pessoas que se deslocaram, a maioria mulheres e crianças, e 12,2 milhões que necessitavam de ajuda humanitária (ALKAFF, 2016).

Devido a falta de soluções políticas para o conflito, a comunidade internacional se posiciona em responder as necessidades humanitárias dos refugiados sírios e da população que permanece no país. Como não existe consenso evidente de como parar a violência, fica mais claro que a ajuda humanitária é necessária para oferecer as necessidades básicas para os que estão em posição vulnerável (FERRIS; KIRIŞCI, 2016).

No que se refere a cidade de Aleppo, foi uma das maiores cidades da Síria e densamente povoada, além de ser considerada estrategicamente importante para os opositores contra o regime de Bashar al-Assad. “A Batalha de Aleppo” começou com protestos, mas o governo manteve o controle diante do ataque de forças opositoras, consideradas rebeldes, à

cidade e ainda exerceram domínio sobre áreas rurais e outros setores estratégicos. Desde então, a cidade foi dividida e dominada por diferentes grupos que utilizaram de violência indiscriminada. Em 2015, o governo sírio continuava com sua tentativa de retomar o controle de todo o território de Aleppo, para isso, recebeu apoio de outros Estados, principalmente da Rússia, que bombardeou lugares estratégicos. Neste cenário, a morte de civis e crianças aumentou à medida que os territórios foram controlados e emergiu uma grande necessidade de ajuda humanitária na região (TYNER, 2016).

Na guerra civil Síria, o grande foco da resistência ao regime de Bashar al-Assad foi na cidade de Aleppo. O conflito entre rebeldes e o governo sírio resultaram em uma divisão da cidade ao meio e destruição das construções por meio de bombas. Além disso, o Direito Internacional Humanitário foi negligenciado e os civis sofreram com perda de residência, falta de assistência à saúde e por escassez de alimento e água. Atores Internacionais se mobilizaram devido à grande crise humanitária que se instaurou no país e região.

Os conflitos em Aleppo, e sua devastação, se configuram em tema relevante por sua atualidade e proporções que ocasionaram em uma grande crise humanitária. Essa crise está relacionada com civis que se refugiaram em outros países e aqueles que permaneceram na Síria, no entanto, muitos morreram ou sofreram com as violações e ataques, além de ficar sem facilidade de ter acesso a comida e água. Geralmente o principal foco das análises é a questão da ajuda humanitária em toda a Síria, porém um estudo mais específico sobre uma região que foi amplamente afetada torna mais eficaz o entendimento de como funciona a ajuda humanitária em casos de conflito e guerra civil.

A escolha de estudar Aleppo é devido aos seus civis terem sofrido com o cerco e bloqueios na cidade, o que afetava muitas de suas necessidades. Além disso, é notável que existem muitos estudos sobre refugiados e o acolhimento dos mesmos em outros Estados, no entanto, o presente trabalho tem o foco em entender a ajuda recebida pelos civis que permaneceram no país.

Em virtude disso, busca-se nesta monografia elucidar como foi realizada a ajuda humanitária para os civis que permaneceram em Aleppo, principalmente a assistência realizada pela Cruz Vermelha e Crescente Vermelho Árabe Sírio, os Médicos Sem Fronteiras e os Capacetes Brancos. O primeiro e o segundo são organizações conhecidas por sintetizarem os valores universais do humanitarismo e fornecer ajuda aos civis independente de suas posições políticas, religião ou crenças. São geralmente ligados ao humanitarismo, neutralidade e independência em situações de conflito que necessitam de sua atuação, o que é uma maneira de regressar ao humanitarismo clássico e aos seus princípios em casos de crise humanitária. Em

contrapartida, também entender a participação e ajuda realizada por uma organização que emergiu neste cenário, no caso os Capacetes Brancos, é relevante por terem pouca prática nesses casos.

Com o conflito já em um estado grave, o território dividido e os atores bem definidos, o ano escolhido para análise foi o de 2016, pois foi o momento decisivo na retomada de Aleppo pelas forças pró-Assad e em que tentaram libertar os civis que se encontravam no leste da cidade, onde foi mais forte a presença da oposição e de grupos extremistas, como o Estado Islâmico. Além disso, foi o ano que aconteceu acordo e entrou em vigor o cessar-fogo, decisão que teria maiores desdobramentos no ano seguinte. Em termos de pesquisa, o trabalho pretende responder dois objetivos específicos: **(I)** Elucidar como funciona a ajuda humanitária em crises ao compreender a atuação de atores humanitários, especialmente as organizações, neste contexto; **(II)** Evidenciar a atuação e ajuda fornecida pela Cruz Vermelha, Médicos Sem Fronteiras e Capacetes Brancos em Aleppo. Os Capítulos constroem a informação ao apresentar primeiro o contexto do conflito e seus atores, depois a definição de ajuda humanitária e, por fim, como esta foi realizada na cidade de Aleppo em 2016 por três organizações.

O capítulo 1 tem o objetivo de expor o contexto do conflito Sírio e da Batalha de Aleppo, pois é importante a compreensão das razões que levaram o Estado a uma Guerra Civil e a grande necessidade de ajuda humanitária. A primeira parte apresenta o surgimento da Síria e como esta ficou dividida etnicamente, além de abordar a chegada ao poder do Presidente Bashar al-Assad. A segunda parte explica a Primavera Árabe e como esta teve certa influência nas manifestações internas na Síria, o que depois se tornaria uma Guerra Civil. A Terceira parte foca no nível doméstico e quais são os principais atores interessados no conflito e na retirada ou permanência do presidente. A quarta parte apresenta o nível regional e os atores envolvidos. A quinta parte é o nível internacional, principalmente a atuação dos Estados Unidos e Rússia, juntamente com seus interesses ao se envolver na Síria. Por fim, é evidenciado a Batalha de Aleppo, quais os principais atores em seu cerco e como foi o apoio russo as forças pró-Assad para a retomada do território.

O capítulo 2 trata da Ajuda Humanitária e como funciona, principalmente nos casos de conflito e guerras. A primeira parte aborda o surgimento e evolução do humanitarismo e como os Direitos Humanos passaram a ter grande foco nas ações de fornecer alívio. A segunda parte é sobre o Direito Internacional Humanitário, para entender o conceito e a partir dele as violações que aconteceram na Síria e em Aleppo. A última parte foca na ajuda e intervenção humanitária, e busca apresentar em que situações podem acontecer, seguido por evidenciar quais os atores que fazem essa prática e as dimensões, ou seja, o que procuram fornecer para

ajudar civis em necessidade, seja alimentos, água ou abrigos. Com isso, se cumpre o objetivo **I** deste trabalho, que é elucidar como funciona a ajuda humanitária em situações de crise e compreender como os atores humanitários atuam e o que fornecem aos civis nesses casos.

O capítulo 3 analisa a atuação de três organizações em Aleppo. Na primeira parte o foco é na Cruz Vermelha e no Crescente Vermelho Árabe Sírio. A segunda parte apresenta o trabalho dos Médicos sem Fronteiras. Por fim, a atuação dos Capacetes Brancos. Em cada um dos tópicos é apresentado um pouco sobre a organização, seja sua presença na Síria de modo geral ou seu surgimento, em seguida quais as principais dificuldades para fornecer alívio nos territórios controlados por forças opositoras ou do governo, por fim os dados apresentados da ajuda realizada em 2016 e em que locais foi essa assistência. Aqui se realiza o objetivo **II** do trabalho: Evidenciar o que foi fornecido aos civis pela Cruz Vermelha, Médicos Sem Fronteiras e Capacetes Brancos em Aleppo no ano de 2016. No entanto, é importante ressaltar que por ser um tema recente as fontes utilizadas no capítulo 3 são principalmente primárias, em especial documentos das organizações humanitárias, além de notícias sobre a temática.

1. A Guerra Civil Síria

1.1 “A Grande Síria” e o surgimento da República

A Guerra Civil Síria teve início após manifestações em 2011, no entanto, os motivos para sua eclosão estão enraizados na história do país e na formação do Estado Sírio. A disputa étnica e religiosa passou a ser comum devido a política de colonização francesa, que tinha por intuito enfraquecer a unidade árabe (FURTADO, RODER, AGUILAR, 2014).

A formação do Estado Sírio está ligada a expansão e colonização feitas pelas potências ocidentais, que poderiam manter uma conexão com seus domínios na Ásia e obterem uma vantagem por ser um território de posição geográfica importante e terras agricultáveis. Em 1916, liderada por um Xerife de Meca, Husseyn, acontece a Revolta Árabe que tinha como objetivo formar um grande Estado Árabe que iria do Iraque ao Líbano, e da Península Arábica até a fronteira norte com a Turquia, por isso, os Ingleses receberam apoio para expulsar os turcos da região na Primeira Guerra Mundial. No entanto, com o fim da revolta e da guerra, a promessa de criar esse “Estado Árabe” não foi cumprida pelos britânicos (ZAHREDDINE, 2013).

De acordo com Kissinger (2014), em 1920 foi realizado o Tratado de Sèvres que reformulou o Oriente Médio como uma “colcha de retalhos” formada por diversos Estados, inclusive não árabes, como Egito e Irã. No que se refere a Síria, após o fim da Primeira Grande Guerra aconteceu o Acordo secreto de Sykes-Picot de 1916 que seria ratificado pela Liga das Nações e que dividiria o Oriente Médio. A Síria e o Líbano ficaram sob controle da França e outros, como a Mesopotâmia e Iraque, sob influência britânica. Dentro de cada Estado existiam inúmeros grupos étnicos e religiosos, incluindo alguns que possuíam divergências entre si.

O ideal de “Grande Síria”, que surge com o mandato francês na Síria e Líbano, era ser uma região ocupando o Crescente Fértil e que formaria uma unidade política. Esse ideal influenciou o surgimento de partidos nacionalistas, mas a França se empenhou em enfraquecer os movimentos que ameaçassem o seu domínio, por isso montou uma estratégia de “dividir para governar” e com censo demográfico, elaborado em 1921, o território sírio foi dividido em busca de impedir uma identidade nacional síria. Devido a essa divisão, o território ficou fragmentado, o que ocasionou movimentos separatistas no país (SILVA; SILVA, 2018). Zahreddine (2013) ressalta que o aspecto étnico/religioso pode ser notado na Síria durante o mandato francês, em que foram delimitados seis Estados:

duas províncias eram de maioria Sunita (Estado de Aleppo e Estado de Damasco), uma de maioria Drusa (Estado de *JabalDruze*), uma de maioria cristã (Grande Líbano), um Estado de maioria Alauita (Estado Alauita) e uma província autônoma de maioria Turca (ZAHREDDINE, 2013, p. 09).

A ordem regional foi mantida até a Segunda Guerra Mundial, posteriormente as potências ocidentais não conseguiram mais controlar as populações inquietas e os Estados Unidos iriam emergir como principal influência na região. A independência síria acontece em 17 de abril de 1946, mas a história do país pós-independência é marcada por diversos golpes militares e tentativas de tomada de poder. Ao todo foram sete golpes de Estado entre 1949 e 1970, em que no último emerge o regime de Al-Assad, com a ascensão do militar Hafez al-Assad (GONÇALVES, 2016; KISSINGER, 2014).

De acordo com Zahreddine (2013), de 1946 até 1958 a República Síria teve dez presidentes, um deles foi Nasser, o presidente da República Árabe Unida (RAU), resultado de união do Egito e Síria e que durou de 1958 á 1961. A RAU termina em 1961 e o partido Baath Sírio marca a transformação síria e muda o nome para República Popular da Síria. O último golpe militar é realizado por Hafez al-Assad que consegue ficar no poder até sua morte em 2000.

Hafez al-Assad pertencia a uma família da minoria religiosa alauita, o que era menos de 10% da população, cerca de 2 milhões de pessoas. Em seu governo prezava por políticas que possibilitassem a ascensão socioeconômica de sua minoria, mas também de outros como os cristãos e drusos. Além disso, para manter a ordem, tornou ilegal a criação de partidos oposicionistas, criou milícias pró-regime e mantinha postura autoritária ao utilizar também de força militar para manter o controle. A maioria da população, que era basicamente da etnia sunita, estava insatisfeita com seu governo e exigia a retirada do presidente e a democracia, porém o presidente respondeu com bombardeio a cidade de Hama, onde existia a maior resistência ao seu regime. Com resposta violenta e repressão, Hafez al-Assad conseguiu impedir novos movimentos até sua morte (CAVALCANTI, 2012; ZAHREDDINE, 2013).

A transição política iria acontecer com a ascensão do filho de Hafez al-Assad, o Bashar al-Assad, após referendo popular que o legitimou mesmo que tivesse apenas 34 anos. Por isso, houve a necessidade de se mudar a constituição síria e modificar a idade mínima para se ocupar o cargo. Bashar al-Assad manteve as alianças com as minorias, mas parecia que o novo presidente traria mudanças para o regime, pois algumas transformações foram realizadas, como maior acesso a informação por meio de internet e a tentativa de mudar o isolamento político em que se encontrava a Síria. No entanto, a dependência externa da economia, entre elas no

mercado de petróleo, ocasionou em um desgaste econômico no país (SAMPAIO et al, 2016; ZAHREDDINE, 2013).

Além disso, o discurso inicial de Bashar al-Assad era de fazer abertura econômica, ampliar a democracia e ter transparência, mas não aconteceram totalmente essas mudanças. Sua postura mudaria quando surgiram fóruns de discussão política em cidades sírias e, assim, seguiria os passos paternos e utilizaria de opressão contra a população (SAMPAIO et al, 2016).

1.2 A Primavera Árabe e o Conflito Sírio

O conflito sírio teve início em 15 de março de 2011, quando estudantes grafitaram nos muros da cidade várias críticas ao regime de Bashar al-Assad e a resposta do governo foi repressão aos atos. Após esse episódio, aconteceram diversas manifestações no país, o que teve como contexto outros levantes políticos que ficaram conhecidos por Primavera Árabe (ANDRADE, 2011).

A Primavera Árabe foi um movimento que influenciou o mundo árabe com levantes populares que reivindicavam mudanças democráticas e eram contrários aos regimes ditatoriais. O termo primavera foi escolhido pela mídia e representa o florescer da liberdade dos povos de língua árabe. As reivindicações por mudanças aconteceram devido a opressão sofrida pelo povo, não só pelo seu governo, mas também pela influência do Ocidente. Os levantes tiveram início no norte da África em dezembro de 2010, quando Mohamed Bouazizio, um tunisiano, ateou fogo ao próprio corpo como forma de protesto contra a corrupção e os maus tratos realizados por policiais. Esse ato foi um stopim para novos movimentos que alcançaram outros regimes, como na Líbia, Egito, Jordânia, Kuwait, etc. (ANDRADE, 2011; SANT'ANA, 2018).

De acordo com Kissinger (2014), os Estados Unidos (EUA) apoiaram os manifestantes, que eram parte da população síria insatisfeita com o governo, e os seus interesses por “liberdade”, “democracia”, “eleições”, pois assim poderia reconquistar uma maior influência na região. No entanto, o êxito dessas manifestações não aconteceu em todas as regiões e o que começou como euforia, logo seria interrompida. No que se refere ao movimento na Síria, devido a sua diversidade étnica e religiosa, novas tensões irromperam e não se teve uma unificação da oposição, que começou com parte da população síria e depois teria envolvimento de mais atores domésticos e regionais.

Segundo Lucas (2016), o primeiro protesto na Síria aconteceu em março de 2011 na cidade de Daara, sul da Síria. O movimento aconteceu devido aos abusos que os jovens garotos

que foram detidos por grafitar estavam sofrendo, no entanto, outras reivindicações relacionadas a economia e críticas ao regime iriam emergir. O governo reagiu com ataques diretos, detenções e mais tortura para tentar acabar com as demonstrações.

Além de Daara, outras cidades sírias foram palco de manifestações, como Homs, Hama, Damasco (Capital) e a segunda maior cidade e mais populosa, Aleppo. Conforme aumentavam os protestos, o Exército foi mobilizado para conter os manifestantes nas principais zonas de conflito do país. Nesse cenário, o presidente buscou fazer algumas concessões para conter a insatisfação popular, entre elas: o estado de emergência que estava em vigor por 48 anos foi suspenso e o conselho de ministros dissolvidos (VISENTINI et al., 2012).

A Primavera Árabe serviu como uma inspiração para que os civis protestassem contra a ditadura que comandava seu país. No caso sírio, o presidente Bashar al-Assad não renunciou e, apesar de fazer concessões, os movimentos oposicionistas continuaram, principalmente formados pela maioria da população, os sunitas. Assim, o que começou como uma “onda de libertação” com protestos pacíficos, se tornaria uma guerra civil com grande derramamento de sangue, destruição de cidades e aumento de refugiados. No entanto, é relevante pontuar que o conflito sírio não foi resultado apenas da Primavera Árabe. Como a Síria tem uma complexidade demográfica, os protestos, e posteriormente o conflito, trouxe outros grupos étnicos e religiosos em evidência, inclusive que possuíam divergências entre si (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014; KISSINGER, 2014; SANT’ANA, 2018).

Os protestos em 2011 se tornariam uma guerra civil com diversas facções envolvidas, não só entre oposição e o regime de Assad. Além de atores regionais, o conflito também passou a ter envolvimento de grandes potências, como é o caso da Rússia e dos EUA. As forças da oposição tiveram assistência do Qatar, Arábia Saudita e Turquia, além de apoio dos EUA e de potências ocidentais para alguns grupos. O governo recebeu apoio da Rússia, Irã e do grupo militar libanês, Hezbollah. Outro ponto é que a oposição também ficou fragmentada e se manifestaram grupos radicais e islâmicos. Em cada um dos níveis, seja doméstico, regional ou internacional, há interesses dos atores na região (FERRIS; KIRIŞCI, 2016).

1.3 O Contexto e Atores Domésticos

A Guerra Civil na Síria já dura sete anos e, segundo dados do Observatório Sírio dos Direitos Humanos (OSDH)¹, já tirou mais de 500.000 vidas. Teve início com protestos, mas se transformou em um conflito com a oposição ao governo totalmente fragmentada. Um país marcado por diversidade étnica e religiosa, como: Sunitas (maior parcela da população), Alauitas (o segundo maior), cristãos, drusos e xiitas, também minorias como os curdos e armênios, por isso, é difícil conseguir lidar com as ambições de cada um desses grupos diversos. Para conseguir evitar a fragmentação nos anos de regime al-Assad, foi criado um exército fiel ao presidente e foi utilizada violência para inibir movimentos contrários e perturbação da ordem (ZAHREDDINE, 2013).

No conflito, o presidente teve inicialmente o apoio de parte da população, forças armadas, Força Nacional de Defesa e de instituições nacionalistas e apegadas ao baathismo das brigadas Baath, milícia criada contra os rebeldes a partir do Partido Baath do presidente Assad. Um dos grupos armados que se formou como oposição ao governo foi o Exército Livre da Síria (ELS), formado por militares desertores e grande parte sunita, mas o grupo era incapaz de conseguir recursos necessários e organização para combater as forças do regime, também para manter as áreas que estavam sob seu controle. Posteriormente, o ELS teria apoio, recursos e até treinamento por parte de Estados regionais e outros interessados na saída de Bashar al-Assad do poder. Outros grupos são os islamitas como a Irmandade Muçulmana do Egito, a Frente Al-Nusra que faz parte da rede terrorista Al-Qaeda e o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS ou ISIS em inglês), que possuem interesse em assumir o poder e governar por leis islâmicas (BAAS, 2016; FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014).

De acordo com Baas (2016), nas áreas dominadas por Curdos, o Partido de União Democrática (PUD) com seu braço armado, que são as Unidades de Defesa do Povo (UDP), conseguiu desenvolver uma organização política e militar no local, mas necessitavam de apoio e recursos para conseguirem se defender dos avanços do ISIS. Assim, existiam grupos com interesses divergentes e sem formar uma unidade em prol da causa principal de derrubar Bashar al-Assad.

Nesse contexto, o governo sírio busca retomar o controle territorial e tem que lidar com grupos considerados “moderados”, como o ELS, o que significa que são diferentes dos mais extremistas, como é o caso do ISIS, que faz parte de grupos mais radicais em suas ambições e são um desafio também. No início do conflito, entre 2011 e 2014, a força do governo

¹ Guerra na Síria já deixou mais de meio milhão de mortos, diz ONG. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/guerra-na-siria-ja-deixou-mais-de-meio-milhao-de-mortos-diz-ong.ghtml>>. Acesso em 28 de jul de 2018.

buscava manter influência sobre pontos-chave nas regiões em que se tinha presença de alauitas, cristãos e xiitas. Conseguiu ter uma presença total no antigo Estado Alauíta, na costa síria, em que tem cidades como Latakia e Tartus, que contém uma base naval russa. Em Damasco e Homs aconteceram diversos confrontos os grupos opositores, mas o governo tinha um certo controle, assim como em Idlib e Daara inicialmente. Na parte norte da Síria, especificamente em Aleppo, tanto curdos quanto o ISIS representaram um desafio para o governo que teve sua presença no território limitada a poucos pontos-chave, o que mudaria bastante quando obteve o apoio e intervenção direta da Rússia em 2015 (SILVA; SILVA, 2018).

O conflito resultou em consequências alarmantes, com muitas mortes, crise humanitária e de refugiados. A tortura e tratamentos desumanos foram realizados tanto por forças pró-Assad quanto pelas contrárias. O governo torturava e prendia os suspeitos de se oporem ao regime e mesmo com o fim do Estado de emergência em 2012, não garantiu a proteção da população, além disso, apesar de alegarem ataques e bombardeios apenas contra terroristas e grupos opositores, outros setores como escolas e hospitais também eram atingidos. Os grupos não-estatais armados também abusaram de pessoas sob sua custódia, muitos atos foram violações e crimes de guerra. O crime de guerra é uma violação aos Direitos Humanos (DH) e desrespeito ao Direito Internacional (DI), pois nos conflitos armados o “direito” de provocar danos ao “inimigo” não é algo ilimitado e alguns atos são vedados, para isso se procura que haja uma disciplina e limitação nas ações dos combatentes (AMNESTY INTERNATIONAL, 2016; AMORIM et al, 2017).

Além dos grupos internos que configuram a Guerra Civil Síria, também houve envolvimento de atores regionais com interesses diversos.

1.4 O Contexto Regional

A Síria está na região do Oriente Médio e faz fronteira ao norte com a Turquia, ao Sul e Sudeste com a Jordânia, ao leste e nordeste com o Iraque, ao oeste com o Líbano, também a noroeste com Israel. O país se encontra em uma região com alta tensão devido a questões religiosas e sócio-políticas que provocam diversos conflitos. As disputas regionais e protagonismo de alguns Estados começaram a surgir principalmente após a Primeira Guerra Mundial e buscavam influenciar de algum modo a região. A República da Turquia, o Reino da Arábia Saudita, as Repúblicas do Egito e Islâmica do Irã se apresentaram como atores centrais no contexto regional, no entanto, a presença do Iraque, Israel e Síria também eram relevantes. No que se refere a Guerra Civil Síria, a Arábia Saudita e o Irã têm uma forte presença e, por

possuírem divergências entre si, tem posições e apoiam lados opostos dos envolvidos no conflito (ANDRADE, 2011; ZAHREDDINE, 2013).

A Arábia Saudita, juntamente com Turquia e Qatar, era acusada de apoiar grupos em oposição ao regime de Bashar al-Assad e fornecer armas e treinamento militar. Além disso, a Turquia recebeu muitos refugiados sírios, também militares curdos e jihadistas que atravessavam para seu território, por isso fez a construção de um muro na fronteira sul do país com a Síria, com 764 quilômetros. Em contrapartida, o Irã, Iraque e Líbano apoiaram o governo e forneceram assistência financeira e técnica (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014).

Dos que apoiam o presidente sírio, o grupo militar libanês Hezbollah tem interesse no conflito porque depende da Síria para fornecer seus armamentos e, caso o presidente saia e a Síria seja dominada pelos sunitas, essa rota de abastecimento pode ser cortada. Para o Irã, poderia representar a perda de um aliado entre os países árabes. Para os que apoiam a oposição ao governo, caso o presidente saia poderiam ter benefícios estratégicos, porém iria depender do grupo que assumisse posteriormente. O papel do Egito no conflito é bem menos relevante e o que se percebe é uma presença mais forte do Irã, que apoia o governo, e da Arábia Saudita, com assistência para a oposição. Também é notável um embate entre o xiismo, representado pelo Irã, e o sunismo da Arábia Saudita (MARTINI; YORK; YOUNG, 2013; ZAHREDDINE, 2013). Embora sejam dois grupos muçulmanos, há divergências e principalmente “sunitas mais extremos, que acreditam que os xiitas não são verdadeiros muçulmanos” (STERN; BERGER, 2015, p. 38).

Segundo Kissinger (2014), essas potências regionais forneceram dinheiro, armas e apoio dentro da Síria, seja para o governo ou para grupos da oposição, mas o combate tomou grandes proporções e grupos mais radicais buscam o controle, o que configura o conflito não só como geopolítico, mas também religioso. Os jihadistas, como o ISIS, buscam não só a saída do presidente e controle da região, mas espalhar sua verdade, pois:

A estratégia voltada para a construção deste sistema universal receberia o nome de jihad, um dever obrigatório para os crentes no sentido de expandir sua fé por meio da luta. “Jihad” abrangia a guerra, mas não se limitava a uma estratégia militar; o termo também incluía outros meios de exercer os plenos poderes de cada um para fazer valer e disseminar a mensagem do Islã, como realizar sacrifícios espirituais ou grandes façanhas para glorificar os princípios da religião (KISSINGER, 2014, p. 75).

A guerra tem mostrado descaso com os DH e tensões ancestrais emergiram, em que ambos os lados cometem violações e brutalidades. Além dos atores regionais, também há

participação de potências internacionais interessadas, ou não, na saída de Bashar al-Assad (KISSINGER, 2014).

1.5 Grandes Potências no conflito

Na escala global, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem condenado muitas ações do governo de Bashar al-Assad e fez missões para averiguar a violência e desrespeito aos DH, o que foi levantado é que existe tortura, assassinatos e crimes que violam esses direitos e que não foram feitos apenas por parte de forças do governo, mas também pela oposição e grupos radicais. Também houve negociações na ONU sobre uma resolução para estender a missão de monitoramento, também foi vista possibilidade de sanções e intervenção, mas a Rússia e China, que são membros permanentes do Conselho de Segurança, foram impassíveis e não concordaram com as ações propostas por outros membros. Outro problema foi a descoberta de que foi utilizado gás sarin em um ataque químico que matou muitos civis próximos a Damasco. Acreditava-se que a Síria teria reservas de sarin, gás mostarda e outros agentes, pois o país não fazia parte do tratado internacional que proíbe o uso de armas químicas, o que mudou em 2013 quando pediu para aderir ao tratado. Por meio da resolução 2118, aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU, e com ajuda da Organização para Proibição de Armas Químicas (OPAQ), a ONU conseguiu destruir as armas químicas, mas o maior desafio foi ter acesso aos locais indicados pelo governo (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014).

A China, apesar de defender a não-interferência e vetar as ações propostas por membros da ONU, sugeriu que não tinha interesses no desfecho deste conflito e que este seria determinado pelo povo sírio. O Reino Unido também se envolveu no conflito, mas suas justificativas estavam relacionadas ao interesse em combater o ISIS, não necessariamente possuíam posicionamento pró-Assad ou contra (ALKAFF, 2016; KISSINGER; 2014).

Como principais atores internacionais temos Rússia e EUA, inicialmente participavam do conflito de forma mais indireta, porém, a partir de 2014 os EUA passaram a bombardear o país com a justificativa de enfraquecer o ISIS, enquanto a Rússia também fez o mesmo em 2015 para que Assad retomassem o controle de algumas regiões (PICCOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016).

1.5.1 Rússia

O Conflito Sírio marca o retorno da Rússia para o Oriente Médio. Alguns pontos salientados por Pautasso e Rocha (2017), é que Putin tem buscado impulsionar a participação russa internacionalmente e antigamente existia uma presença na região. Por ser uma exportadora de hidrocarbonetos, a Rússia também tem interesses nos mercados consumidores, nas reservas de petróleo e gás natural. Outro ponto é que quando Hafez al-Assad tomou o poder na Síria, buscou aproximação com o governo soviético durante a Guerra Fria e, mesmo após o fim desta, as relações foram preservadas e a Marinha Russa continuou a ter presença no porto sírio de Tartus. Além disso, a Rússia também continuou a fornecer material bélico para a Síria.

No conflito sírio, a Rússia contribuiu com forças militares regulares como é o caso de caças de ataque ao solo, caças-bombardeiros e helicópteros de ataque. Os interesses russos, além de reafirmação internacional e no Oriente Médio, é manter sua soberania estatal e integridade territorial, além de prezar pelo crescimento e desenvolvimento econômico do país. Outra questão é uma estratégia regional russa chamada de “bastião estratégico sul” na região do Mar Negro, e significa que o país busca uma área que seja capaz de impedir que potências inimigas tenham acesso, seja por via marítima ou aérea, ao seu território (PAUTASSO; ROCHA, 2017; PICCOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016).

A intervenção direta russa aconteceria a partir de setembro de 2015. Com o apoio da Rússia, o governo consegue reconquistar áreas que foram dominadas por rebeldes e fundamentalistas. Uma das medidas tomadas eram vários ataques aéreos contra alvos inimigos e em zonas completamente controladas por oposição. A presença russa é relevante, mas também há toda uma união da coalizão pró-Assad que passa a ser mais ofensiva e muda o cenário do conflito (SILVA; SILVA, 2018).

De acordo com Alkaff (2016), os principais alvos dos bombardeios, feitos nos ataques aéreos russo, foram o ISIS e os grupos Al Nusra Front e Jaish al Fatah, mas a presença russa aumentou no país e os alvos passaram a ser não só os grupos mais radicais, mas também as oposições ao governo, principalmente ao destruir suprimentos que iriam para esses grupos. Além disso, aconteceu uma viagem de Bashar al-Assad até Moscou para discutir com o presidente Putin estratégias e soluções para finalizar a guerra e acabar com o terrorismo.

Por fim, outra iniciativa da Rússia foi promover o Processo de Astana que incluiria o Irã, combatentes da oposição e até milícias contrárias ao governo. A negociação aconteceu na Turquia e não teve muita participação dos EUA e os grupos fundamentalistas foram excluídos, assim como os curdos ou grupos liderados por estes, pois era necessária participação da Turquia e esta não desejava a presença curda. O Processo de Astana foi uma negociação para cessar-fogo em algumas partes do país, que ficaram conhecidas como “zonas de distensão”. Também

teve negociação de cessar-fogo em Aleppo, com participação dos EUA, mas durou só uma semana e houveram ataques por parte do regime e da oposição. O objetivo era parar com os confrontos para que as organizações humanitárias, também a ONU, pudessem deslocar civis da região e prestar atendimento, o que aconteceria no final de 2016 com civis que estavam no leste da cidade (TRICONTINENTAL, 2018).

No entanto, mesmo que a Rússia tenha conseguido êxito no campo militar, não conseguiu tanto no político, pois embora tenham buscado acordo, as violações aconteciam por ambas as partes, o que continuou a dificultar o objetivo de por fim ao conflito (TRICONTINENTAL, 2018).

1.5.2 Os Estados Unidos

A presença estadunidense na região foi reforçada após o fim da Guerra Fria e queda da União Soviética. Além disso, por causa do ataque de 11 de setembro, pois agora o novo mal que deveria ser combatido é o terrorismo (ZAHREDDINE, 2013).

Ficando adormecida por um pequeno lapso temporal entre o final da Guerra Fria e o início da Guerra ao Terror nos anos 2000. Essa interferência americana encontrava justificativa na luta contra o comunismo, durante a Guerra Fria, e posteriormente na necessidade da contenção do terror (SILVA; SILVA, 2018, p. 82).

Os EUA tiveram um papel de “orientar” os processos de mudança política na região, mas está em crise porque procura manter sob sua influência o Oriente Médio, mas também a África Centro-Norte. Além destes, há interesse no Atlântico Sul, por causa do petróleo, e na Ásia. Na Síria, a presença norte-americana é principalmente no leste e nordeste e uma vitória de Assad seria vista como derrota para o Ocidente, sunitas e Israel, por isso, mesmo com a Síria enfraquecida no aspecto humano da guerra ainda são utilizados todos os meios para alcançar o objetivo inicial. Os EUA viram a Primavera Árabe e os protestos como uma forma da liberdade e democracia se consolidarem na região e talvez conseguir restabelecer sua influência, no entanto, não aconteceu dessa forma e apesar de começar com um apoio e envolvimento de forma branda, após o uso de armas químicas houve justificativas suficientes para bombardear a Síria e conter o ISIS (TRICONTINENTAL, 2018; VISENTINI et al, 2012).

Um dos grandes desafios do conflito é que qualquer proposta humanitária de caráter interventivo foi vetada no Conselho de Segurança. E mesmo que existam assistências humanitárias realizadas por organizações não-governamentais (ONGs), pela Cruz Vermelha,

etc, os interesses não parecem se mover em prol de questões humanitárias, mas sim de interesses militares e econômicos (ANDRADE, 2011).

Na tabela I, há divisão dos atores em oposição ao Regime de Assad, entre eles a Turquia, Arábia Saudita e Jihadistas. Também os que não se posicionaram inicialmente como Israel e Iraque. Por fim, os que apoiavam o governo. São evidenciados tanto os atores internos, quanto os externos, no início do conflito.

Tabela I – Atores Externos e Internos no Conflito Sírio no período de 2011-2013

Opposition to Assad Regime	Non-Aligned	Support for Assad Regime
External Actors	External Actors	External Actors
Turkey	Israel	Russia
Saudi Arabia	Iraq	Iran
United States	Lebanon	Hezbollah
GCC States		
Jordan		
Libya		
Internal Actors	Internal Actors	Internal Actors
FSA	Kurds	Assad regime
LCCs	Christians	Alawi community
National Coalition	Druze	
Jihadis	Palestinian factions inside Syria	

Fonte: Martini, York e Young (2013)

1.6 A Batalha de Aleppo

Aleppo era a maior cidade da Síria e uma das mais antigas do mundo, se encontra no Norte do país e tem uma importância econômica por ficar entre o mar mediterrâneo e o rio Eufrates, além disso, tinha uma importância estratégica tanto para as forças governamentais, quanto para os opositores, por isso, foi uma das cidades que mais teve ações intensas de conflito entre ambos os lados beligerantes (AMORIM et al, 2017; SILVA; SILVA, 2018).

Para os rebeldes, dominar a cidade e proximidades seria uma vantagem, pois teriam controle do Norte, noroeste e leste do país, além de ter um refúgio porque Aleppo está localizada próxima a fronteira da Turquia, um dos Estados que financiava a luta dos rebeldes. Como Aleppo era a principal capital econômica do país, o governo perderia recursos financeiros, e para suas forças militares, caso não retomassem o controle do território (AMORIM et al, 2017; SILVA; SILVA, 2018).

Os protestos na Síria tiveram início em 2011 e aconteceram em várias cidades, inclusive Aleppo, o que ocasionou depois em confrontos entre rebeldes e forças do regime em

2012. Um dos primeiros grupos armados na cidade foi o Brigada al-Tawhid², formado em 2012 e considerado um dos maiores grupos que atuaram no Norte. Juntamente com outros grupos rebeldes, a Brigada conseguiu dividir a cidade ao meio e a resposta do governo foi soltar bombas em áreas dominadas por esses grupos, entre eles o ISIS. Algumas fases da Batalha de Aleppo foram, primeiro, protestos e manifestações pequenas, mas o Estado ainda mantinha o controle da cidade; segundo, as forças rebeldes atacaram a cidade e conseguiram o controle das áreas rurais; por fim, as forças rebeldes continuaram os avanços e tiveram pequenos ganhos até ter uma boa área dominada (TYNER, 2016).

Segundo Myriam Rawick (2018), jovem garota cristã que morava no bairro Jabal Sayid quando tudo começou, as manifestações na cidade aconteceram a partir de julho de 2011 e em algumas dessas existia o confronto direto com o governo. Em 2012 tem início as bombas e tiroteios na cidade, pois o governo tentava retomar bairros que foram controlados por rebeldes e “há combates nos bairros de Kalaseh e de Sucari, e os bairros de Chaar, Hanano e Jdeideh tinham sido invadidos” (RAWICK, 2018, p. 86). Também começa a ter falta de energia e água por vários dias, principalmente no leste e norte da cidade, pois a cisterna e a companhia de eletricidade foram dominadas, inicialmente por revolucionários em 2012.

A linha de frente cortou a Cidade Antiga ao meio e permaneceu estática por vários anos, o que não significa que tudo permanecia calmo, pois o bombardeio e conflitos continuavam a acontecer. Em 2014, com a batalha ainda indefinida, entra em cena o grupo extremista Daesh, conhecido por Estado Islâmico (ISIS), que combatia não só as forças do governo, mas também outros grupos rebeldes na parte leste da cidade (AMORIM et al, 2017; ATLANTIC COUNCIL, 2017).

Um outro aspecto da batalha de Aleppo, foram os cercos e bloqueios realizados, uma estratégia de cercar o inimigo e bloquear para que não possa sair ou receber suprimentos. No entanto, mesmo que o governo tenha feito a maioria dos bloqueios, nem todos foram realizados pelas forças de Assad, pois alguns rebeldes conseguiram ter controle de estradas e pontos importantes (ATLANTIC COUNCIL, 2017).

Devido a essa estratégia, os recursos na cidade ficaram mais escassos e as mercadorias e o gás eram vendidos mais caros, também existia limite do quanto se podia comprar, pois os alimentos tinham que ser racionados para suprir as necessidades da população que permanecia na cidade (RAWICK, 2018).

² Brigada al-Tawhid. Disponível em: < https://www.lua.ovh/mundo/pt/Brigada_al-Tawhid>. Acesso em: 29 de jul de 2018.

Aleppo, 1º de julho de 2013

Perdi um pouco de peso desde o último mês, porque não tem muita coisa para comer [...] Jedo diz que é por causa do bloqueio que não se tem mais nada para comer. Isso quer dizer que a cidade está fechada por homens armados que não deixam nada entrar nem sair (RAWICK, 2018, p. 174).

No que se refere a outros grupos atuantes em Aleppo, as autoras Cafarella e Casagrande (2016), destacam que além da atuação do ISIS também teve o grupo Jabhat al Nusra que destruiu diversos grupos moderados e controlava diversos serviços e bens em áreas de Aleppo, além de ter adquirido controle sobre a água e plantações da cidade. Para ressaltar alguns grupos presentes em Aleppo as autoras separam em *Powerbroker* e Potenciais *Powerbrokers*. O primeiro se refere as facções que conseguiram ter sucesso nas operações militares contra o regime ou contra o ISIS e possuem um papel de liderança na governança. O segundo são as facções que teriam um papel maior contra o regime, ou contra o al Nusra e ISIS, se tivessem recebido apoio externo. Na tabela 2 os grupos são separados em Powerbroker, Potenciais Powerbrokers e outros.

Tabela II – Grupos Armados Opositores em Aleppo

STATUS	OPPOSITION GROUP	IDEOLOGY	US SUPPORT*
POWER BROKERS	Harakat Ahrar al Sham al Islamiya (Ahrar al Sham)	Salafi-jihadi	--
	Al Jabhat al Shamiya	Islamist	Current
	Jaysh al Mujahideen	Islamist	Current
	Feilaq al Sham	Islamist	--
	Fawj al Awl	Islamist	Current
POTENTIAL POWER BROKERS	Jabhat al Nusra	Salafi-jihadi	--
	Nour al Din al Zenki	Islamist	Former (2015)
	Firqat Al Sultan Murad	Moderate Secularist	--
OTHER NOTABLE GROUPS	13th Division	Moderate Secularist	Current
	16th Division	Moderate Secularist	Current
	Northern Division	Moderate Secularist	Current
	Suqour al Jebel	Moderate Secularist	Current
	Jaysh al Izza	Moderate Secularist	Current
	Al Firqat al Wasta	Moderate Secularist	Current

Fonte: Cafarella e Casagrande (2016)

Os *Powerbrokers* são, geralmente, os grupos com maiores forças militares, liderança organizada e estruturas mais formalizadas, enquanto que os Potenciais *Powerbrokers* garantem mais ganhos militares quando participam de coalizões. Cafarella e Casagrande (2016) destacam a ideologia desses grupos e se recebiam apoio externo dos EUA, o que acontecia como uma

forma do país combater internamente o ISIS. Os cinco grupos definidos como Powerbrokers tiveram importância em definir o sucesso ou não das operações militares em Aleppo. Três deles, o Jaysh al Mujahideen, Al Fawj al Awal e al Jabhat al Shamiya, receberam o apoio dos Estados Unidos e não dependiam do Jabhat al Nusra, enquanto que o Ahrar al Sham é um aliado desse grupo. Assim, pode ser notável que enquanto existia uma batalha de opositores, em sua maioria sunita, contra o governo, também existiam outros grupos moderados, ou mais extremistas, que também estavam presentes em Aleppo e buscavam o controle territorial, tinham divergências entre si e recebiam apoio externo.

Outro ator relevante no cenário da Batalha de Aleppo foram os curdos com a UDP. Segundo Rawick (2018), em 2012 os curdos fizeram barreiras em alguns bairros e bloquearam a rua com carros e sacos cheios de pedras, todos os homens estavam armados e para que se pudesse passar por essa barreira e sair do bairro, ou voltar, era necessário se identificar. A situação muda em 2013 quando os curdos saem do bairro e terroristas tentam tomar o controle no norte da cidade, o que logo se transformaria em um embate contra as forças do governo e no deslocamento da população para outros bairros.

Dos dois lados da rua, eles seguravam suas metralhadoras e tinham barbas longas. Tinha o gigante do vestido preto [...] ele ainda carregava seu martelo enorme nas mãos e muitos cartuchos de DShk pendurados em volta do pescoço. Alguns dos homens tinham uma faixa branca na testa (RAWICK, 2018, p. 160).

A Batalha muda quando a Rússia participa diretamente das ofensivas em apoio ao governo de Bashar al-Assad. Em 2015, Aleppo foi massivamente bombardeada por forças do governo sírio e da Rússia, o que também atingiu clínicas, hospitais, escolas e outras estruturas civis em áreas que não eram controladas pelo governo, mas sim por forças rebeldes. A iniciativa teve a união entre as forças da Síria com a Rússia, Hezbollah e Irã para conseguir o controle de Aleppo (POLICY ANALYSIS, 2016; ATLANTIC COUNCIL, 2017).

Em 2016, a coalizão pró-Assad continuou sua ofensiva em áreas povoadas por rebeldes no Leste de Aleppo. Em dezembro o território ocupado pelos rebeldes já era bem menor e os países da coalizão fizeram um acordo para transferir rebeldes, que não possuíam armas de grande porte, e civis para outros territórios, o que aconteceu em uma evacuação em ônibus para o oeste de Aleppo. Além desse acordo existiu alguns de cessar-fogo realizados pelos EUA com a Rússia, mas as áreas que eram controladas pelo ISIS e o al Nusra foram excluídas e continuaram como alvos (BÖTTCHER, 2017; POLICY ANALYSIS, 2016).

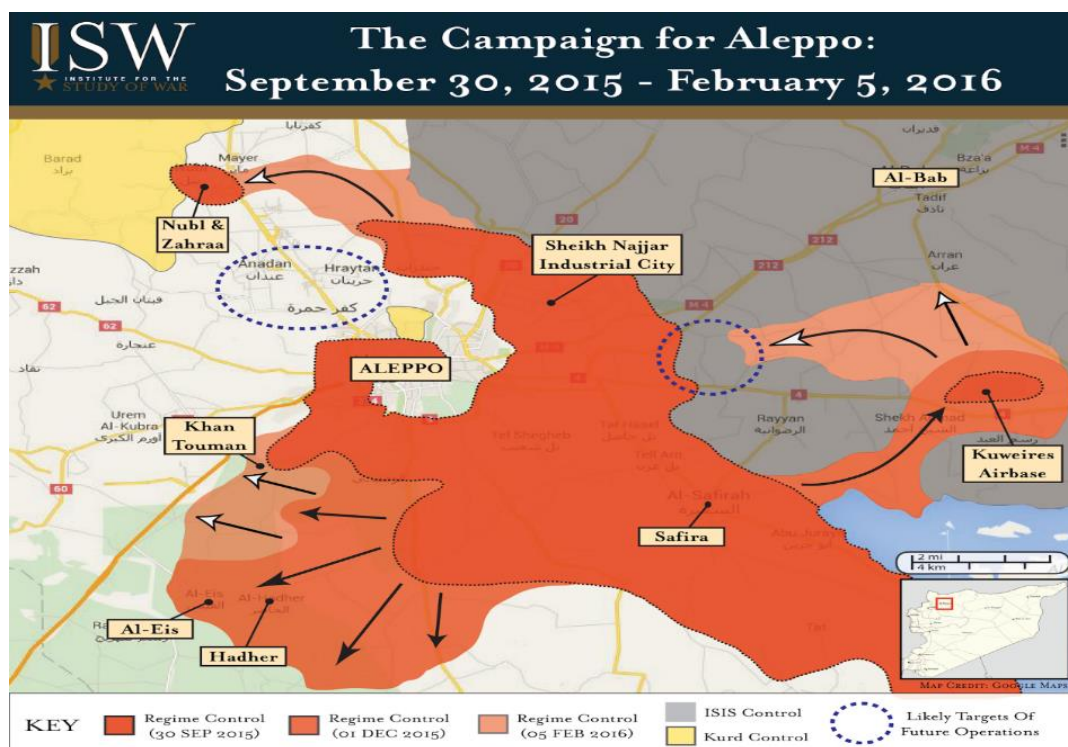
Com a nova estratégia e coalizão com seus aliados, o governo consegue retomar a estrada que liga Aleppo a Homs, que antes estava bloqueada, e no final de 2016 consegue retomar bairros que estavam controlados. Antes tinha um acordo entre a oposição e as forças curdas, em que os primeiros se retirariam e dariam o controle aos curdos, mas essas áreas também foram entregues ao governo e seus aliados (ATLANTIC COUNCIL, 2017).

Aleppo, 17 de dezembro de 2016

Já tem vários dias que os bombardeios cessaram ou ficaram muito longe. Está quase calmo e tem energia elétrica no apartamento. Na televisão, a apresentadora continua a dizer que o Exército entrou nos bairros dos terroristas. Só tem imagem de casas destruídas e de pessoas carregando colchões sobre a cabeça (RAWICK, 2018, p. 271).

Na figura I, é mostrado o avanço das forças do governo, a cor vermelha mais escura representa as áreas dominadas em 2015 e as setas e cores mais claras, as suas conquistas até 2016. Em amarelo a região dominada por curdos e cinza o ISIS. Ao final de 2016, o governo já consegue um avanço nesses pontos também. No entanto, é relevante ressaltar que é apresentado apenas alguns atores envolvidos na Batalha de Aleppo durante esses últimos anos, pois existiam outros grupos opositores na região, principalmente no leste da cidade que foi uma das principais resistências.

Figura I – A Batalha por Aleppo em 2015-2016



Fonte: Institute for the Study of War (2016). Disponível em: <<http://iswresearch.blogspot.com/2016/02/assad-regime-gains-in-aleppo-alter.html>>. Acesso em: 01 de ago de 2018.

De acordo com Tyner (2016), a Batalha de Aleppo durou mais ou menos cinco anos com diversos grupos opositores contra o governo, mas que também lutavam entre si pelo controle territorial. Nesse cenário a violência indiscriminada não afetou apenas a cidade, mas toda a sua população, em que diversos foram mortos ou que se deslocaram. O conflito parecia ter um alvo tático, e esses eram os civis que ficaram sob domínio de alguns grupos e passaram por necessidades nem sempre supridas.

O recebimento ou não de Ajuda Humanitária ficou à mercê do local em que esses civis estavam e por quem era dominado. O conflito na Síria e em Aleppo teve grandes proporções e foi visto como uma preocupante crise humanitária, em que a população sofreu com suas consequências e necessitou de ajuda humanitária (TYNER, 2016).

2. A Ajuda Humanitária: aproximações teóricas e conceituais

2.1 Surgimento e Evolução do Humanitarismo

Segundo Weiss (2014), a palavra “humanitarismo” está relacionada com moralidade e princípio. O principal objetivo é ajudar populações que estão passando por dificuldades e se encontram em posição vulnerável, por isso não importa quem são, onde estão e qual as necessidades. Diversos autores pontuam este caráter nobre das ações humanitárias e a ascensão do humanitarismo devido as grandes guerras que aconteceram.

Baptista (2008), por sua vez, enfatiza que os primeiros esboços do humanitarismo já podem ser notados na Alta Idade Média e que a noção de assistência e princípios morais se enraizaram na sociedade. Um exemplo, foi o cirurgião-chefe dos exércitos de Napoleão, Dominic Larrey, que realizou o que ficou denominado como “ambulâncias volantes”, que era simplesmente cuidar dos feridos do campo de batalha, mas diferente do usual, que seria cuidar apenas dos feridos de sua própria nação e abandonar os inimigos, Dominic foi o primeiro “a sistematizar um sistema de apoio médico igualitário a todos os combatentes feridos, sem distinção do campo de onde provêm” (BAPTISTA, 2008, p. 101).

No entanto, de acordo com Nascimento (2013), os avanços do humanitarismo vão acontecer somente em 1859 quando Henri Dunant testemunhou a Batalha de Solferino e toda sua brutalidade, por isso convence Napoleão III a libertar médicos prisioneiros para que cuidassem de soldados feridos. Após o ocorrido, Dunant escreve um livro em 1862, intitulado “*Memórias de Solferino*”, além de descrever a batalha também apresenta três propostas para aliviar o sofrimento das vítimas de conflitos. Primeiro, que sociedades voluntárias fossem criadas em todos os países e servissem como assistentes médicos militares. Segundo, que os Estados adotassem um tratado internacional para garantir a proteção de hospitais e equipe médica. Por fim, um símbolo internacional para identificar o pessoal da saúde e os equipamentos médicos, para que assim possam ser protegidos (BOUVIER, 2000).

As três propostas de Dunant tiveram consequências. Após a primeira proposta, é criado todo o sistema das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A segunda deu origem a “Primeira Convenção de Genebra” que aconteceu em 1864. A terceira proposta foi realizada ao se adotar o emblema de proteção da Cruz Vermelha ou do Crescente Vermelho, o que criou um status especial para os encarregados da saúde. Foram realizadas mais convenções e as quatro Convenções de Genebra de 1949 formam o Direito de Genebra que

preza pela proteção da humanidade em caso de guerra (BOUVIER, 2000; CICCIO FILHO, 2009; PEREIRA, 2017).

Outros tratados de direito humanitário aplicáveis a todas as partes de um conflito armado interno, o que compreende os grupos armados, incluem a Convenção de Haia para a Proteção da Propriedade Cultural no Caso de Conflito Armado (1954) e seu Segundo Protocolo (1999), e a Convenção sobre a Proibição ou Limitação do Uso de Certas Armas Convencionais que podem ser consideradas como Produzindo Efeitos Traumáticos ou Ferindo Indiscriminadamente (1983) (LOBO DE SOUZA, 2015, p. 44).

Às Convenções de Genebra foram adotados dois Protocolos Adicionais de 1977. O Protocolo I reforça a proteção de vítimas de conflitos armados internacionais, enquanto que o Protocolo II reforça a proteção dos civis que são afetados por conflitos armados internos. O protocolo Adicional II está relacionado à conflitos armados de caráter não internacional, ou seja, os que envolvem outros atores não-estatais, como os grupos armados (BOUVIER, 2000; CICCIO FILHO, 2009; PEREIRA, 2017).

O humanitarismo clássico é, desse modo, caracterizado por uma base normativa que inclui normas de Direito Internacional Humanitário (DIH), DH e Direitos Internacional dos Refugiados, todos aplicáveis em contextos de conflito e se preocupam com a proteção das vidas daqueles que não participam dos atos e são civis, refugiados ou deslocados internos vítimas das crises (NASCIMENTO, 2013).

Ações com caráter humanitário, de fornecer ajuda as populações, podem ter acontecido em diversos momentos ao longo dos anos, mas o nascimento do DIH e dos princípios humanitários acontece com a criação do CICV em 1863. (LABBÉ, 2012). A Cruz Vermelha opera em zonas de guerra e em outras situações de violência que afetem a população, por isso tem por missão garantir assistência e proteção, “suas regras de base focam-se no que o humanitarismo deve supostamente fazer e em como deve fazê-lo” (WEISS, 2014, p. 308).

O objetivo ao criar a Cruz Vermelha era ter uma organização humanitária independente e neutra que pudesse socorrer vítimas de guerra, sejam elas civis ou militares, independente de nacionalidade. É a organização que mais tem sintetizado os valores universais do humanitarismo e que estabeleceu os princípios humanitários de qualquer intervenção, são eles: Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade e Independência, posteriormente acrescentou o Voluntariado, Unidade e Universalidade (BAPTISTA, 2008; CHANDLER, 2001).

Humanidade (ou dignidade humana) é incontestável e comanda a atenção de todos os demais, ao passo que os outros três são discutíveis e debatidos. Imparcialidade requer que a assistência seja baseada na necessidade e não discrimine com base em nacionalidade, raça, religião, gênero ou afiliação política. Neutralidade demanda que

as organizações humanitárias se abstenham de tomar parte em hostilidades ou em qualquer ação que beneficie ou gere desvantagens aos beligerantes. Independência requer que a assistência não se conecte a qualquer parte interessada no resultado de uma guerra. (WEISS, 2014, p. 308).

O princípio do Voluntariado refere-se a ser uma instituição sem fins lucrativos e as ações acontecem com a prioridade de ajudar o próximo. Unidade representa que em cada país só pode ter uma Sociedade de Cruz Vermelha. Por fim, a Universalidade significa que todo o mundo será tratado de forma igual e com base nos valores humanitários universais. Os princípios eram uma forma de separar o humanitarismo da esfera política. Até 1990, a Cruz Vermelha era a grande responsável por definir e elaborar os princípios que guiariam as ações humanitárias (BARBOSA, 2011; CHANDLER, 2014).

Para Weiss (2014, p. 309), “a cultura do humanitarismo reflete o desejo e a habilidade de se prover uma assistência que salve vidas, ao mesmo tempo em que honra a neutralidade, a imparcialidade e a independência”. No entanto, mesmo que a Cruz Vermelha tivesse papel central, a partir dos anos setenta e oitenta do século XX, começam a surgir muitas organizações humanitárias não-governamentais e outras organizações financiadas por Estados ou por organizações supra-estatais, como a União Europeia (UE). Outro ator internacional que tem grande relevância nas ações humanitárias, e no cumprimento dos princípios do humanitarismo, é a ONU, que realiza diversas missões de paz. Esses atores passaram a também incluir preocupações humanitárias em suas agendas, no entanto, nem todos de forma exclusiva para essa área. Também, há uma integração, em que a estratégia militar passa a incluir e realizar missões ligadas as organizações humanitárias (BAPTISTA, 2008; CRAVEIRO, 2008; NASCIMENTO, 2013).

Além da emergência de novos atores, o humanitarismo passou por mudanças significativas após o fim da Guerra Fria, pois as operações humanitárias passaram por modificações com o surgimento de “emergências humanitárias complexas” e, por isso, as respostas humanitárias tradicionais que se baseavam nos princípios parecia não ser mais suficiente para lidar com os diversos problemas, sejam eles devido a guerras, catástrofes naturais ou situações extremas, principalmente com as guerras assimétricas, em que são utilizados métodos primitivos que infringem leis humanitárias (MAGALHÃES, 2016; NASCIMENTO, 2013).

Assim, na década de 90, emerge um “novo humanitarismo” com objetivos mais amplos e que sejam efetuados a longo prazo. Passa a ser baseado em direitos humanos, assim redefiniu a política humanitária. Esse “novo humanitarismo” emerge devido as dificuldades encontradas,

pois o envolvimento a longo prazo em algumas regiões era limitado e necessitava do consentimento dos Estados, por isso a relevância de ser colocar ações movidas em prol dos DH (CHANDLER, 2001; NASCIMENTO, 2013).

Michael Barnett (2005), por sua vez, argumenta que a transformação do humanitarismo tem dois pontos, um deles é que seu propósito tem se tornado politizado e outro é que sua organização tem se tornado institucionalizada. Estas mudanças surgem por causa que as agências humanitárias, antes de 1990, perceberam “que podem tentar eliminar as raízes causais do conflito que coloca a vida dos indivíduos em risco” (BARNETT, 2005, p. 724, *tradução nossa*), para isso acontecer seria importante unir as agendas de ações dos Estados com a das agências humanitárias, e assim o humanitarismo tem se politizado.

No que se refere a institucionalização, Barnett (2005) aborda que antes de 1990 existiam poucas agências que forneciam ajuda humanitária, tinham poucas interações, códigos de conduta e princípios para a ação. Em campo, operavam com poucos procedimentos padrões básicos e por pessoas com pouca experiência, porém, após 1990, o humanitarismo se torna uma área reconhecida e mais atores surgem. Com a ação crescente da área, também surgem críticas e pressões, o que impulsiona para a sua institucionalização.

Entretanto, um dos dilemas apontados pelos críticos do “novo humanitarismo” é a emergência de intervenções militares, ou “intervenção humanitária”, que alegam agir por causa da defesa dos DH, mas que na verdade existem objetivos políticos e econômicos/comerciais não relacionados com ajuda aos civis. Também, nessa nova abordagem do humanitarismo, foram reforçados traços mais negativos como a politização, militarização e erosão dos princípios clássicos. As ações militares voltadas para a ajuda humanitária também podem ser perigosas, pois em conflitos armados pode ser visto como um ato de guerra e prejudicar ainda mais os civis e outros atores humanitários (NIELSON, 2003).

As mudanças no humanitarismo, e no envolvimento de militares, ficou mais evidente após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA, o que necessitava de uma resposta, mas tornou mais complexo os problemas a serem resolvidos pelas organizações. Os conflitos com atores não-estatais eram mais difíceis de controlar e impor regras, pois mesmo que os Estados cumpram, outros atores, como os terroristas, não seguem essas normas (CURTIS, 2001; NASCIMENTO, 2013).

2.2 O Direito Internacional Humanitário

O Direito Internacional Humanitário (DIH), também conhecido como “Direito de Guerra” e “Direito dos Conflitos Armados”, é a união de normas que tem por objetivo a segurança de civis e não-combatentes em hostilidades, e também restringir os meios e métodos utilizados nos conflitos armados. O DIH é uma vertente do Direito Internacional (DI) que rege as relações entre os Estados, todos no campo do Direito. Um outro é o Direito Internacional dos Refugiados, que são civis que deixam suas localidades de origem e se instalam em outros países, desenvolvido para a assistência a esses civis (AMORIM et al, 2017; PEREIRA, 2017).

O DIH pode ser definido como:

As regras internacionais, de origem convencional ou costumeira, que são esteticamente destinadas a regulamentar problemas humanitários decorrentes diretamente dos conflitos armados, internacionais ou não-internacionais, e que restringem, por razões humanitárias, o direito das partes no conflito de empregar os métodos e meios de guerra de sua escolha ou que protegem as pessoas e bens afetados, ou que podem ser afetados pelo conflito. (GASSER, H-P. 1993. p.4 *apud* PEREIRA, 2017, p. 62).

Além disso, o DIH abrange a proteção de pessoas que não participam do conflito e proíbe meios e métodos de combate que prejudiquem população e locais, como os hospitais. É aplicável em situações de conflito armado que envolvem pelo menos dois Estados, em territórios que foram ocupados por alguma potência e em conflitos dentro de um Estado, mas que existem vários grupos armados (CICV, 2018). O DIH, desde as Convenções de Genebra de 1949, tem realizado uma expansão normativa que permite “a incidência de um crescente *corpus* de normas costumeiras relativas ao direito humanitário sobre a conduta de todas as partes” (LOBO DE SOUZA, 2015, p. 44).

O DIH se desenvolveu em uma época que o uso da força era legítimo nas relações internacionais. Os Estados tinham o direito de fazer a guerra (quando detinham o *jus ad bellum*), no entanto também tinha normas a serem observadas na guerra e como os Estados se comportavam (o *jus in bello*). O *Jus ad Bellum* é o Direito de ir à guerra e as normas para se ter esse direito é possuir uma causa justa, seja se defender contra um ataque ou agir por motivos humanitários, uma autoridade competente, a intenção certa, objetivos limitados, ser o último recurso para se resolver o problema e ter esperança de que vai obter sucesso. No que se refere ao *Jus in Bello*, é o Direito na Guerra e aborda principalmente que a força não deve ser usada contra locais públicos, como hospitais e civis. Outro é o *Jus post Bellum*, uma forma de que se deve ter uma preocupação em restaurar a ordem, economia e política do Estado. Todos esses direitos referentes a noção de se ter uma Guerra Justa (AMSTUTZ, 2013; BOUVIER, 2000).

No entanto, apesar do uso da força entre os Estados ser proibida, há exceções para essa regra, uma delas é que pode acontecer em casos de auto-defesa individual ou coletiva, também quando o Conselho de Segurança autoriza. As formas mais recentes de conflito, como assimétrico, guerrilha, resistências e combates não convencionais, fazem parte do gênero Guerra Irregular, que tem predominado sobre os métodos tradicionais usados antes do século XXI. Por existirem esses conflitos assimétricos e não-convencionais, a tendência é que a aplicação do DIH também seja assimétrica, além disso, a mídia e opinião pública pressionam muito mais as forças convencionais a seguirem as leis e normas humanitárias nos conflitos armados, mas as forças irregulares não se subordinam a nenhuma das normas (BARBOSA, 2011; PEREIRA, 2017).

No caso da Síria, os conflitos no país têm levantado discussões sobre a legitimidade e os crimes contra os DH. Os civis têm sofrido com os efeitos dos combates intensos do governo contra grupos opositores e fundamentalistas, além desses atores terem violado o princípio de poupar civis dos confrontos, principalmente após bombardeamentos que afetaram escolas e hospitais. Outro problema encontrado foram as armas químicas e ataque com gás Sarin, supostamente lançada pelo governo na cidade de Khan Sheikhoun, o que prejudicou civis e crianças. Como resposta os EUA atacaram com mísseis uma base aérea estratégica, mas a ação unilateral foi ilegítima, pois não foi acionado o Conselho de Segurança da ONU e nem esperaram por investigação para confirmar a autoria do ataque. O ataque unilateral causou polêmica, mas, apesar de negar a acusação, o presidente Assad concordou em destruir o arsenal químico (ZANATELI et al., 2017).

Os bombardeios contra os civis no país são um crime de guerra por violar os direitos que estão previstos no Protocolo II adicional às Convenções de Genebra, em que o art. 4º prevê a proibição de atentados contra a vida, saúde e bem-estar das pessoas, também tratamentos que sejam cruéis como a tortura e mutilações. Em Aleppo, a equipe do alto comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) documentou violações contra a lei internacional, pois foram disparados, pela oposição, projéteis e morteiros em bairros com civis e o governo bombardeou bairros rebeldes, o que também afetou civis. Aconteceram em Aleppo diversas mortes e em toda a Síria violações ao DIH, por isso emergiu a necessidade de ajuda humanitária em meio a esta crise (ZANATELI et al., 2017).

2.3 Ajuda e Intervenção Humanitária

O setor humanitário no decorrer dos anos passou por constantes evoluções e, por isso, é difícil definir esta área. No entanto, é considerado uma comunidade em que atores interagem, colaboram e coordenam ações para conseguir seu principal objetivo, que seria proteger a vida e dignidade de civis vulneráveis por causa de conflitos ou por desastres naturais. A ajuda humanitária segue três condutas. Primeiro, foco em fornecer as necessidades mais básicas e acontece imediatamente em situações de conflito ou crise humanitária. Segundo, consiste também em atividades para restabelecer locais afetados e tornar a região habitável novamente. Por fim, engloba todas as atividades que asseguram assistência, reabilitação e reconstrução (EUPRHA, 2013).

Segundo Strömberg (2007), o motivo para realizar ajuda humanitária é oferecer um bem maior ao salvar vidas e reduzir o sofrimento. No entanto, alguns desastres podem acontecer em Estados com infraestrutura pobre, o que é um problema que limita a efetividade da ajuda. Por isso, de acordo com Riddell (2009), além de ajudar os civis em vulnerabilidade, começam a emergir como parte da ajuda humanitária, após a Guerra Fria, projetos de reconstrução, para que os efeitos sejam de longo prazo e que os civis continuem vivos após a ajuda imediata.

Acerca dos conflitos que apresentam desafios e que prejudicam os civis, alguns exemplos são “efeitos diretos da violência, bem como doenças, movimentos populacionais forçados e declínio econômico” (EVERETT, 2016, p. 312, *tradução nossa*). Outro tipo é o terrorismo, que é promovido por diferentes grupos e podem ser radicais políticos ou até mesmo religiosos fundamentalistas. O principal perigo é o seu potencial de ter acesso a armas perigosas, além disso, é um problema que não é facilmente resolvido (STRBAC; PETRUSIC; TERZIC, 2007).

A Ajuda Humanitária pode acontecer em três ocasiões. Primeiro, quando há violência relacionada a política, e não somente a desastres naturais. Segundo, pode acontecer quando os civis sofrem de forma direta, ou seja, são mortos, ou de forma indireta, em que acontece inanição, doenças e deslocamento de sua região. Por fim, quando as autoridades locais demonstram que não vão ou não conseguem suprir as necessidades dos civis. Outra conduta dos atores envolvidos em ajuda humanitária, é fornecer assistência para refugiados, ou seja, os civis que saíram de suas regiões devido algum conflito ou distúrbio, mas, além disso, a ajuda humanitária funciona também para prevenir que aconteça um fluxo massivo de refugiados, pois pode provocar instabilidade regional caso o país hospedeiro não tenha capacidade de suprir as necessidades deste grupo (CHOI; SALEHYAN, 2013; EVERETT, 2016).

No entanto, com a nova conjuntura do século XXI, que tem por referência o DIH, proteger a dignidade e os direitos fundamentais de qualquer ser humano se tornou essencial e a

própria forma de conduzir a ajuda humanitária se expandiu, por isso não só as necessidades humanas são levadas em consideração, mas sim os direitos humanos em geral. Essa mudança afetou não só a ajuda, mas também a base ética para que se possa ocorrer uma intervenção humanitária (CHANDLER, 2001).

A Intervenção Humanitária é outra forma de se realizar ações humanitárias. É diferente da ajuda, pois é uma ameaça ou o uso de força em um território de um Estado por meio de outro, ou mais de um. O objetivo é acabar ou prevenir violações ao Direitos Humanos fundamentais (HOLZGREFE, 2003). O debate acerca da legitimidade de uma intervenção sem o consentimento do Estado, acontece devido ao conceito de soberania incluído no DI, assim não importaria a forma política assumida pelo Estado, é preciso que outros reconheçam sua qualidade de soberano que possui a própria jurisdição territorial (REGIS, 2006).

De acordo com Krasner (1999), a soberania pode ser usada para designar quatro características do Estado Moderno. Primeiro, a soberania doméstica, que está relacionada a organização interna e monopólio legal do uso da força. Segundo, a soberania interdependente, que é a habilidade dos governos monitorarem as fronteiras transnacionais e os movimentos de mercadorias, bens, capitais e serviços. Terceiro, a soberania internacional legal, que é o reconhecimento mútuo entre os Estados e outros atores internacionais. Por fim, a soberania Vestfaliana, que se refere a exclusão dos atores externos em assuntos internos.

Além do princípio de soberania dos Estados, existe o de não-intervenção e qualquer uso de força no cenário internacional. Esse princípio não se refere apenas aos membros que compõem a ONU, mas a toda comunidade internacional. Porém, como mencionado, existem exceções a proibição do uso da força, principalmente em casos de legítima defesa e quando, em situações específicas, o Conselho de Segurança autoriza. Também existe uma noção de que em situações extremas, a Comunidade Internacional adquire o direito de intervir para fornecer ajuda a populações que não são protegidas pelos Estados, pois os indivíduos devem ter sua soberania garantida também (SILVEIRA, 2009; REGIS, 2006).

Por isso, existem intervenções militares com justificativas humanitárias e que podem acontecer sem o consentimento do Estado, o que faz essa iniciativa ter possibilidade de acontecer em áreas que se fosse necessário permissão do Estado não seriam realizadas. Os humanitaristas militares possuem condições de ter acesso a civis em necessidade e em regiões que não são totalmente seguras, nestes casos há muito mais preparo para possíveis perigos apresentados por grupos violentos ou até mesmo do próprio governo. Seu papel é criar um ambiente seguro para que os civis possam receber o devido socorro e assistência. Em alguns

casos pode existir tentativa de mudar a situação responsável por causar o sofrimento e, por isso, a intervenção humanitária de certa forma retrata o humanitarismo militar (WEISS, 2014).

As intervenções são um tipo de uso da força, mas com o discurso de que é utilizado por “razões humanitárias” e justificado pela ideia de “responsabilidade de proteger” (R2P) toda a comunidade mundial. Mas são custosas para os países intervenientes, no sentido de que esse tipo de ação tem pouca tolerância por parte da opinião pública, pois em alguns casos pode agravar ainda mais o problema, além disso, existem riscos econômicos e políticos para os que se envolvem com esse tipo de conduta. Em contrapartida, podem existir casos em que os Estados ou a ONU façam uma intervenção para socorrer civis. Muitas dessas pressões para agir são de ONGs específicas ou voltadas para a proteção dos DH. Essas organizações também recebem pressões por parte da população e disseminam informações e chamam a atenção para os locais em que uma intervenção se mostra extremamente necessária (MURDIE; PEKSEN, 2013; REGIS, 2006)

Murdie e Peksen (2013), ressaltam que essas organizações se utilizam de estratégias, um primeiro passo seria “nomear” quem são os responsáveis pelo abuso/conflito e divulgar na imprensa. Suas iniciativas buscam ter peso e influência nas decisões para que uma intervenção seja realizada, mas em casos que isso não acontece, também ocorre uma pressão e divulgação da falta de posicionamento e ação de certos atores em meio a situações extremas. No entanto, nem todas as organizações vão defender e reivindicar intervenções e existem os contrários a qualquer tipo de ação militar que pode prejudicar ainda mais os civis.

A utilização de intervenção, nesses casos, tem a política como centro desses esforços e os Estados conduzem essas ações por interesses ligados a ação humanitária. Essa ação pode ser exercida por um ou mais Estados, o que envolve uso de força em outro Estado, mesmo sem o consentimento do mesmo, para prevenir e impedir que o sofrimento ou mortes dos civis perdurem (CURTIS, 2001; WEISS, 2014).

No que se refere as situações em que os Estados decidem intervir, pode variar. Uma variedade de fatores, incluindo políticos e econômicos, podem ser cruciais para que aconteça uma intervenção armada. Muitas literaturas se dividem em pontuar que isto acontece de acordo com a gravidade da crise, enquanto existe também os que veem como estratégia e se o local em que deve acontecer a intervenção tem alguma relevância política, e principalmente econômica. Em suma, podem existir ações com o simples intuito de salvar vidas e fornecer ajuda, mas também existem as que possuem motivações extras e não relacionadas totalmente as causas humanitárias, apenas se utilizam deste motivo para que sua interferência não seja criticada pela comunidade internacional (MURDIE; PEKSEN, 2013).

No entanto, para Neto (2011), essas intervenções são coordenadas de forma melhor por parte de organizações internacionais do que por Estados, independente se estes atuam de forma isolada ou em cooperação com outros. O motivo para essa afirmação é que as organizações possuem um grau de especialização e estrutura para lidar com ajuda humanitária e questões complexas de envio de equipes para resgate, pessoal médico, transporte, arrecadação de fundos e trabalhos para reconstrução de acordo com as necessidades de cada região. O que não significa que não possa existir cooperação entre Estados e organizações.

A intervenção é a ação realizada pelas organizações ou Estados, enquanto que a ajuda é a assistência (alimentar, médica, necessidades básicas) fornecida. O sistema internacional de ajuda faz parte do sistema global de relações internacionais e envolve diversos atores. É extremamente relevante, pois uma boa organização das agências humanitárias em situações emergenciais pode ser crucial para a sobrevivência dos civis. Esse tipo de iniciativa pode envolver organizações nacionais e internacionais com o máximo de engajamento (NETO, 2011; RIDDELL, 2009; STRBAC; PETRUSIC; TERZIC, 2007).

2.3.1 Os Atores Humanitários

Os atores responsáveis por realizar ajuda humanitária são diversos. Segundo Baptista (2008), existem os que são financiados por Estados ou por organizações supra-estatais, exemplo a União Europeia, e as ONGs. Riddell (2009), por sua vez, aborda que existem diferentes tipos de doadores/atores humanitários, os principais são os governos, o setor voluntário e o setor privado.

Do setor voluntário, uma das principais atuantes é o CICV, que opera em zonas de guerra e situações de conflito que afetam os civis. Foi a organização que, inicialmente, mais sintetizou os princípios de como deveria ser a conduta para fornecer assistência e proteção para populações em vulnerabilidade, sem discriminar por nacionalidade, cultura, crenças. A Cruz Vermelha também tem caráter laico e atuava sem distinguir por religião, no entanto, países muçulmanos pediram pela aceitação do Crescente Vermelho ao lado do símbolo da Cruz Vermelha, que é uma cruz vermelha sobre um fundo branco (inspirado na bandeira da Suíça). O emblema do Crescente Vermelho foi adotado oficialmente em 1929 e é usado nos países islâmicos principalmente. No entanto, esses emblemas causaram problemas, pois a cruz remete ao cristianismo e o crescente ao islamismo, por isso foi adotado um terceiro símbolo, o cristal vermelho (LABBÉ, 2012; JACOB, AMARAL, 2014).

Inicialmente, o CICV apenas tinha papel de coordenação, mas com o tempo passou a ter ações em campo, o que ficou conhecido por Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, que inclui o CICV, a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho e as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. Esse movimento é um dos principais da ajuda humanitária e atua em casos de conflito armado para atender os civis (JACOB, AMARAL, 2014).

Porém, mesmo com importantes atuações, a Cruz Vermelha não estava isenta de críticas, um dos casos é de dois médicos da organização, Bernard Kouchner e Xavier Emmanuelli, que trabalhavam em campos de refugiados do Biafra. Ambos tinham contrato de não revelar o que fosse testemunhado em campo, mas decidiram divulgar o sofrimento de crianças no local. Essa situação resultou em um processo-crime e Bernard Kouchner posteriormente fundaria os Médicos Sem Fronteiras (MSF) e os Médicos do Mundo (BAPTISTA, 2008).

Os MSF foram criados em 1970 e tem por princípio intervir em qualquer local, independente se isto for contrário ao DI, pois ousam ir até onde outras organizações humanitárias se recusam a chegar. Começaram como um grupo de poucos voluntários e não muito organizado, mas sua equipe era formada por médicos, enfermeiros e funcionários que estavam dispostos a fornecer ajuda médica em qualquer local. Uma organização extremamente relevante por sua assistência à saúde (SAVELSBERG, 2015)

Após os anos 80 aumenta o número de organizações dedicadas a ajuda humanitária ou ações relacionadas. Inicialmente, esses atores operavam com pouca estrutura e maquinaria, além dos indivíduos não terem tanta experiência e aprenderem boa parte durante a atuação em campo. No decorrer dos anos, seus métodos se desenvolveram, ficaram mais sofisticados, há treinamento para os profissionais e estrutura para fornecer ajuda (BARNETT, 2005).

Outro ator importante para a ajuda humanitária é a ONU. Uma forma de atuação é a intervenção nos locais em conflito, porém é necessária aprovação de pelo menos nove dos quinze membros do Conselho de Segurança. No entanto, os cinco membros permanentes (EUA, França, Rússia, Reino Unido e China) tem capacidade de veto, por isso, “o sistema da ONU sempre sofreu os efeitos da paralisia funcional do Conselho de Segurança, pois raramente seus cinco membros permanentes concordavam com intervenções de um, ou mais países, nos terrenos de operação” (NETO, 2011, p. 30).

De acordo com Neto (2011), existe um “sistema da ONU”, em que organizações especializadas foram criadas e que trabalham em conjunto com outras, como a Cruz Vermelha e a Organização Mundial de Saúde (OMS). Existem agências e órgãos especializados que são

ativos no campo de ajuda humanitária e relacionados a ONU, um deles é o departamento de Assuntos Humanitários (sigla em inglês é HAD, *Human Affairs Department*), que cuida de casos de catástrofes naturais. O departamento foi reformulado para prestar ajuda humanitária e é denominado agora de Escritório para a Coordenação de Assuntos Humanitários (sigla em inglês é OCHA, *Office for the Coordination of Humanitarian Affairs*), uma forma de reforçar as operações de paz e intervenção humanitária.

O papel da OCHA é observar as emergências que envolvem obstáculos a ajuda humanitária, também os casos que possam causar riscos para os profissionais envolvidos. Um dos obstáculos são governos que não estão dispostos a garantir as necessidades básicas dos civis ou não permitem que a ajuda seja realizada por outros atores. Outra agência é a ACNUR, nada mais que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (sigla em inglês é UNHCR, *United Nations High Commissioner For Refugees*) (EVERETT, 2016).

No que se refere ao principal mecanismo para coordenar as organizações humanitárias, é o Comitê Permanente Inter-organizacional, o IASC. Este comitê possui treze membros e é composto por agências da ONU, são elas: ACNUR, FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), OMS e WFP (Programa Alimentar Mundial). Além dessas agências, outras organizações também fazem parte, é o caso da Cruz Vermelha e da Organização Internacional para a Migração (NETO, 2011).

Então, os principais atores que compõem o sistema moderno humanitário e que atuam a nível local e nacional podem ser separados em quatro pontos. Primeiro, os governos, principalmente os do Ocidente, no entanto, tem crescido o número de doadores não-tradicionais, alguns do Oriente Médio. Segundo, são as agências da ONU e outras organizações intergovernamentais e o IASC. Terceiro, a Cruz Vermelha e toda a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. Por fim, as organizações não-governamentais humanitárias, que são diversas e numerosas (LABBÉ, 2012).

Porém, no setor privado também emerge Empresas Internacionais de Segurança Privada, como a British Association of Private Security Companies, que acredita na possibilidade de atuação no campo humanitário e tem um conjunto de habilidades como projetos de engenharia e construção, administração de campos para refugiados ou deslocados, além de prestação de ajuda humanitária. Todas essas habilidades são importantes não só para o alívio imediato, mas também para reconstrução do local ou fortalecimento dos abrigos. Entretanto, as organizações não-governamentais surgem como um dos principais atores em

resolver os dilemas humanitários que parecem ficar além das capacidades estatais (SPEARIN, 2008).

Nem sempre as organizações humanitárias interagem com as organizações não-governamentais de Direitos Humanos. E a atuação de algumas organizações podem acontecer em parceria com atores governamentais do país em que atuam. Esse crescente aumento de organizações, tanto humanitárias quanto de outros tipos, aconteceu após uma percepção de que os Estados não eram totalmente eficazes em garantir as principais necessidades da população. No início do século XXI, qualquer atividade feita por essas organizações internacionais, em qualquer campo, terá como referência o DIH. O que prevalece é o que assegure da melhor forma os direitos fundamentais de todos os seres humanos, a escolha da ação deve ser guiada em prol de valorizar a condição humana. Outro ponto, é que os atores humanitários podem ter problemas complexos para fornecer comida, abrigo e medicamentos adequados, por isso precisam de uma boa organização para essa ação e para retornar os civis as suas vidas normais (NETO, 2011; SAVELSBERG, 2015; STRBAC; PETRUSIC; TERZIC, 2007).

2.3.2 Dimensões da Ajuda Humanitária

A ajuda humanitária tem suas operações voltadas principalmente para três ações. Primeiro, fornecer assistência, conforto e proteção em operações que preservam e salvam vidas. Segundo, as ações visam facilitar ou obter acesso aos civis, pois assim podem prover a proteção e assistência adequadas. Por fim, reforçar a preparação para desastres e reduzir os riscos, os atores procuram desenvolver capacidades em atores locais e prevenir os possíveis impactos de desastres ou conflitos (EUPRHA, 2013).

No que se refere as atividades realizadas em ações de ajuda humanitária, temos a “ajuda alimentar” como o principal componente e, além desta ação, acontece contratação de pessoal local, compras de bens ou meios de transportes e realização de acordos para que se possa realizar de forma mais eficaz a ajuda. Porém, mesmo que seja extremamente importante fornecer alimentos, também é uma ajuda que recebe críticas devido a gerar conflitos. O que pode aumentar as hostilidades e promover conflitos, são governos ou grupos receberem a ajuda e não as direcionar para todos que necessitam. Além disso, há o problema de roubo ou grupos que podem impedir que os civis tenham acesso aos alimentos, e assim passam a usufruir da forma que desejam ou destroem as mercadorias (BLOUIN; PALLAGE, 2008; NUNN; QIAN, 2014).

A ajuda alimentar também é regida por normas de DI, dentre elas a Food Aid Convention (1999), e o princípio da ação humanitária tem como objetivo salvar vidas e reduzir o sofrimento, no entanto, nem sempre a ajuda alimentar é realizada de forma altruísta. O auxílio alimentar se divide em dois: a assistência alimentar e a ajuda alimentar. A primeira pode envolver a doação de dinheiro para a compra de alimentos, barateamento de preços e fornecimento de alimentos para serem consumidos no local. Tem o papel de proporcionar alívio em casos de emergência e promover a estabilização dos locais afetados. A segunda, ajuda alimentar, é um auxílio por *commodities* e pode complementar a própria assistência e pode ocorrer de três formas: uma ajuda direta, com entrega dos alimentos adquiridos; transações triangulares, em que a compra do alimento é feita em países em desenvolvimento; compras locais, em que o alimento é adquirido na própria região onde será também recebido (LIMA; RENSI; BELMONTI, 2016).

O objetivo é que o máximo de civis tenha acesso aos bens básicos e a serviços, pois a ausência dos mesmos poderia provocar, e provoca, risco de doenças e morte. Além de alimentos, são fornecidos remédios, assistência médica, e abrigos para civis que perderam suas residências em conflitos, guerras ou desastres naturais. Outro ponto é a reconstrução dos locais e reabilitação desses civis. O importante é ajudar antes “que seja tarde demais”, e qualquer vítima, que pode ser de inundações, tsunamis, guerras e conflitos civis (RIDDELL, 2009).

A criação de estruturas capazes de consolidar o trabalho realizado e o apoio a reabilitação, juntamente com projetos de desenvolvimento, acontece devido a percepção de uma insuficiência na ajuda humanitária tradicional. Também se torna relevante que ao montar abrigos, para receber os civis e fornecer a assistência, seja realizado cálculos da quantidade de pessoas e o provável período de permanência para que possa ser disponibilizado a água, alimentos, dormitórios, lavabos, medicamentos. É uma logística e cálculo de custos e recursos para a realização de uma boa Ajuda Humanitária (BAPTISTA, 2008).

Assim como fornecem ajuda para os que permanecem nos locais em problemas, também existe a ajuda aos refugiados que saíram de suas regiões. Apesar de estarem fora, ainda são vistos em termos humanitários, principalmente por muitos serem vítimas de violência e perseguição. Em contrapartida, é necessário monitorar esses refugiados para evitar conflitos e instabilidade no Estado que os acolheu e ter cuidado para que as atividades humanitárias de fornecer comida, água e abrigo não afete a segurança do Estado hospedeiro (CHOI; SALEHYAN, 2013).

As autoras, Katarina Strbac, Natasa Petrusic e Katarina Terzic (2007) definem os tipos de emergência em que se torna necessário a ajuda humanitária, quais as necessidades básicas e os mais vulneráveis que recebem essa ajuda:

Emergencies include human losses, environmental destruction, the inability to provide basic human needs (water, food, and shelter), and the destruction of infrastructure, all of which endanger the survival of civilians, and especially that of the most vulnerable: children, women, and the disabled, sick, and elderly. Since assistance needs to be provided promptly, humanitarian agencies need to become immediately engaged at the request of the relevant authorities (STRBAC; PETRUSIC; TERZIC, 2007, p. 46)

Por isso, nas Guerras Civis Contemporâneas, como a Síria, existem muitos refugiados e uma situação interna vista como crise humanitária e que demanda uma ajuda humanitária emergencial. No entanto, esses conflitos são complexos e a realização da assistência passa por algumas dificuldades, como é o caso da cidade de Aleppo que foi dominada por diversos grupos opositores e fundamentalistas, o que faz emergir uma preocupação de se realmente a ajuda tem tido, ou teve, algum impacto (LIMA; RENSI; BELMONTI, 2016).

3. A Ajuda Humanitária em Aleppo

Aleppo foi uma das últimas cidades sírias a ter protestos e embates entre rebeldes e forças do governo. A partir de 2012, o conflito se instaurou na região e outros grupos opositores passaram a dominar bairros da cidade. Aleppo foi bombardeada de forma indiscriminada por parte do regime Assad e dos grupos rebeldes, por isso muitos civis deixaram suas casas e se deslocaram internamente no país, mas também se refugiaram em outros países, como na Turquia. No entanto, muitos civis permaneceram na região e sofreram por falta de água, energia, comida e medicamentos básicos (BÖTTCHER, 2017).

A proporção do conflito provocou grandes consequências e uma crise humanitária, além da situação de Aleppo ser catastrófica. Até 2016, foram registradas 100.000 pessoas como deslocadas na parte leste de Aleppo, dominada por grupos opositores e extremistas. Desse número algumas pessoas foram para áreas dentro ou ao redor de Aleppo, um dos destinos foi a cidade vizinha, Idlib, e a parte oeste rural de Aleppo (BÖTTCHER, 2017; OCHA, 2016).

A ONU, juntamente com parceiros, apoiou o governo para fornecer ajuda e ter acesso as áreas dominadas pelo regime, já nas zonas controladas por outros grupos, como era o caso do ISIS na cidade de Deir Ezzor no leste, a ONU precisou lançar cargas de suprimentos por avião. Porém, nesse cenário, alguns atores humanitários apenas conseguiam ajudar em áreas controladas pelo regime se tivessem permissão do mesmo, o que gerou críticas acerca do controle do governo sobre a ajuda e quem a recebe (BÖTTCHER, 2017; OCHA, 2016).

Muitas agências humanitárias que trabalharam na Síria e em Aleppo adotaram um posicionamento neutro em meio ao conflito, não importava se forneciam alimentos em zonas protegidas pelo governo ou rebeldes. No entanto, essa neutralidade foi dificultada por desafios e em alguns casos o regime Assad foi beneficiado, pois algumas organizações internacionais, inclusive a ONU, precisava de atores locais, entre eles o Crescente Vermelho Árabe Sírio (SARC em inglês), para conseguir distribuir os suprimentos em áreas controladas pelo governo. Ao permitirem que a ajuda seja fornecida, provocou a projeção de uma imagem de segurança se comparado as zonas controladas por rebeldes (GONZALES, 2016; MARTÍNEZ; ENG, 2016).

Em suma, a cidade foi totalmente dividida no conflito, e existiu a dificuldade em fornecer ajuda e comboios foram destruídos ou roubados, mas várias ONGs alegavam sua atuação na cidade. No entanto, é interessante entender como foi a ajuda humanitária realizada pela Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho Árabe Sírio e dos Médicos sem Fronteiras,

conhecidos por efetuar essa assistência. Também a participação e ajuda realizada por uma organização que emergiu neste cenário, no caso, os Capacetes Brancos.

3.1 Atuação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) está presente na Síria desde 1967 e trabalha com a Sociedade Nacional para ajudar as pessoas que são de alguma forma afetadas em conflitos armados e precisam de ajuda humanitária para suprir suas necessidades básicas. O seu financiamento vem por parte e contribuições dos Estados-Partes das Convenções de Genebra (governos), Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, organizações supranacionais e por doadores públicos e privados, também faz apelo extra caso haja necessidades em alguma de suas atuações (ICRC, 2015b).

Desde a eclosão do conflito na Síria em 2011, o CICV buscou atender às necessidades dos civis em conjunto com o Crescente Vermelho Árabe Sírio (SARC). De modo geral, forneceu alimentos, água, materiais médicos e outros itens que fossem necessários, como kits de primeiros socorros, macas e equipamentos de resposta a emergências. De acordo com a emergência, e necessidade em Aleppo, o CICV ajustou sua resposta as necessidades humanitárias da região e buscou acesso aos civis, no entanto, uma ação imparcial era mais complicada em zonas dominadas por grupos armados opositores (ICRC, 2015a).

Alguns dos desafios enfrentados pelo CICV foram o grande número de atores envolvidos no conflito, a limitada aceitação de sua atuação, a politização da ajuda humanitária e a necessidade de consentimento do governo. Além disso, o fato de não ser tão seguro, para os envolvidos, fornecer a ajuda nos bairros que estavam com conflitos diretos e bombardeios, esses que destruíram escolas, mercados e hospitais (BERNARD, 2016; ICRC, 2015b).

O desafio principal ainda estava em conseguir acesso aos civis e realizar a ajuda ou evacuação, por isso as vezes era necessário que se negociasse com as partes do conflito, pois estes utilizavam a água, comida e eletricidade como um meio de pressionar os oponentes quando impediam o seu uso (BERNARD, 2016; ICRC, 2015b).

Os atores humanitários trabalharam em situações de perigo para suas vidas, mas além desse desafio, também aconteceram roubos e ataques a comboios de ajuda humanitária, um deles o de Orem Al Kubra na parte rural de Aleppo, também ataque a um Armazém do SARC. Esses ataques provocavam perdas não só dos materiais, mas também de membros da organização. No leste de Aleppo, onde a batalha era mais intensa devido ao domínio do

território por rebeldes e grupos extremistas, hospitais eram bombardeados e, por causa da dificuldade de acesso a essa área, muitos eram privados dos serviços médicos (GARCIA-NAVARRO, 2016; MENA REPORT, 2016a, ZAROCOSTAS, 2016).

Para ter acesso aos bairros e fornecer ajuda, o CICV se utilizou do SARC, e requisitava permissão a partes pertinentes para que assim pudesse distribuir os materiais em qualquer área, no entanto, nos casos em que não era permitido a entrada, era preciso entregar os suprimentos por via aérea e nesses casos não se tinha controle sobre a distribuição para os civis. Um exemplo de negociação foi realizado entre o Crescente Vermelho e o grupo Jabhat al Nusra, este que controlava a provisão de bens básicos e serviços em algumas áreas de Aleppo, principalmente água e plantações (CAFARELLA; CASAGRANDE, 2016; TARGETED NEWS SERVICE, 2014)

No que se refere a ajuda realizada em 2016, o último ano da batalha de Aleppo em que as forças pró-Assad buscavam a retomada dos bairros e liberação da cidade, o CICV e o SARC, juntamente com parceiros, fizeram algumas atividades em toda a Síria e em Aleppo. Uma delas era relacionada com prover comida com a entrega de alimentos e refeições de cozinhas de caridade, também pães de padarias locais. Outra era voltada para garantir as necessidades básicas, como entregar roupas de frio para as famílias e kits de higiene (ICRC, 2016b).

Outra atividade essencial foi ajudar com o acesso a água, com caminhões que levaram água em diversas cidades sírias e garrafas eram entregues nos hospitais. Além disso, foi montada uma equipe de saneamento e para resolver o problema de abastecimento para as famílias. No que se refere a água, um dos problemas iniciais eram grupos que tiveram acesso a fonte e cortavam a distribuição para afetar a sua oposição. Então, a Cruz Vermelha e o SARC tinham a preocupação de tentar retornar o acesso a água ou fornecer em casos que não foi possível retomar (ICRC, 2016b).

Promover a dignidade humana e aproximar as famílias também foi uma atuação da organização, inclusive promover reencontros entre parentes e acompanhamento dessas famílias. Os cuidados com a saúde também foi atividade importante ao garantir consultas, profissionais especializados e aptos a realizarem cirurgias, ajuda as mulheres grávidas e em trabalho de parto, prevenir e cuidar de doenças como a leishmaniose, também o transporte de civis por meio das ambulâncias do SARC (ICRC, 2016b).

Figura II – Cuidados com a saúde para os Doentes e Feridos



Fonte: ICRC, 2016a.

Em 2016, especificamente em Aleppo, foram fornecidas 6.100 refeições nos bairros do leste da cidade. 2 milhões de pessoas tiveram ajuda técnica e reparações necessárias em seus bairros. 1.200 famílias no abrigo em Jibreen, vilarejo ao sul da cidade, receberam refeições e outros itens para suas necessidades básicas. E 12.327 famílias deslocadas receberam comida, cobertores e colchões (ICRC, 2016a).

Figura III – Aleppo em foco na Ajuda Humanitária



Fonte: ICRC, 2016a.

O CICV atuou principalmente com a ajuda do SARC, no entanto alguns dos itens distribuídos foram fornecidos pela ONU e algumas de suas agências. Na Tabela III há as principais atividades realizadas pelo SARC em parceria com o CICV e onde foi o foco da ajuda em 2016.

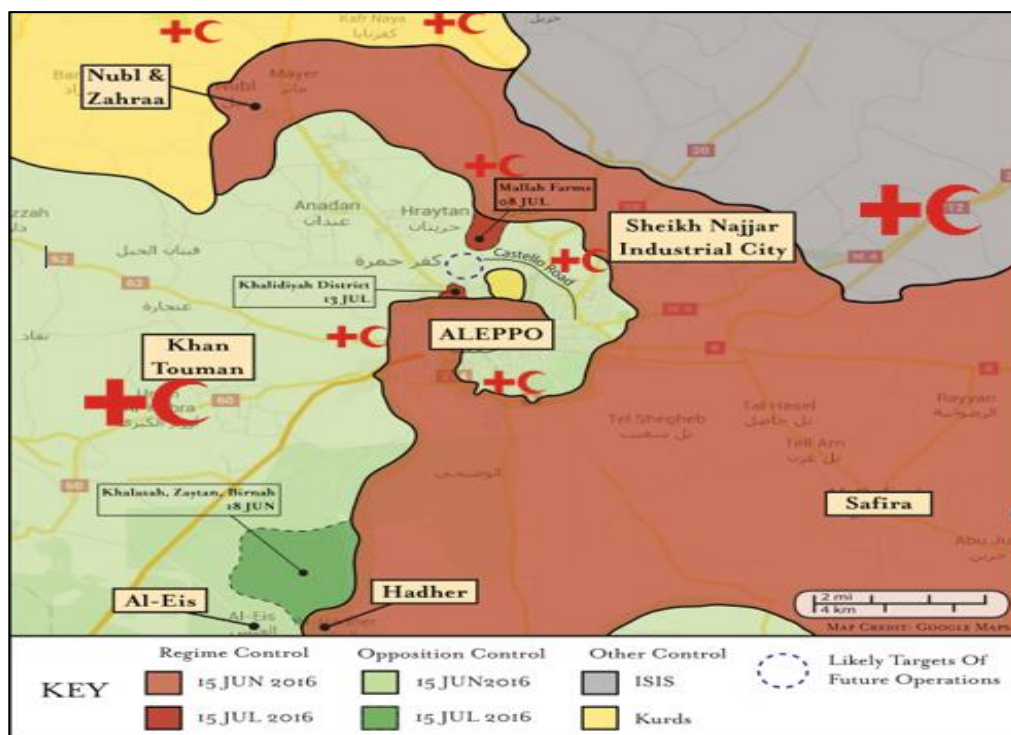
Tabela III – Ajuda Humanitária em Aleppo fornecida pelo CICV e o SARC em 2016.

Período	Onde	O que foi realizado
Janeiro	Suleiman Al-Halabi (Norte) Nova Aleppo (Oeste)	Manutenção de Geradores. Água e Saneamento. Entrega de produtos para cuidados com a saúde.
Fevereiro	Regiões ao Leste Nobul and Al-Zahraa (Norte)	Entrega de Medicamentos. Alimentos para famílias. Água e Saneamento.
Março	Regiões ao Norte Regiões ao Leste	Entrega de produtos para cuidados com a saúde e medicamentos. Entrega de livros em escolas.
Abril	Afrin, Izzaz, Yakhour, Kafar Janna e Rajo (Norte)	Alimentos e outros itens. Medicamentos.
Maiο	Afrin, Rajo, Yakhour, Kafar Janna e Tal Rifat (Norte)	Entrega de 24 comboios com alimentos e outros itens.
Junho	Norte e Oeste	Construção de alguns abrigos.
Agosto	New Aleppo	Água e Saneamento.
Setembro	Regiões no Oeste	Entrega de roupas e nutrientes pediátricos.
Novembro	Suleiman Al-Halabi (Norte)	Gerador de 2000 KVA entregue.
Dezembro	Leste	Evacuação da População e ajuda em um nascimento emergencial.

Fonte: SARC, 2016. (Adaptado pelo Autor)

Na figura IV, no mapa do *Institute for The Study of War*, é apresentado o território de Aleppo e por quais atores as áreas eram dominadas em 2016. O regime, na cor vermelha, já retomava o controle de vários pontos da cidade. O ISIS, na cor cinza, estava mais ao leste. Os curdos, na cor amarela, ficavam mais no norte e outros grupos opositores, na cor verde, estavam mais a oeste. Baseada em informações fornecidas pela SARC sobre sua atuação juntamente com o CICV em 2016, pode-se notar no mapa em que pontos a organização forneceu ajuda. Os símbolos menores do CICV representam lugares específicos que foram citados, já os símbolos maiores representam os lugares que a organização destaca que aconteceu assistência, no entanto, não citam nomes de bairros, apenas as regiões.

Figura IV – A atuação do CICV e SARC em Aleppo em 2016.



Fonte: Institute for the study of war, 2016 (Adaptado pelo Autor). Disponível em: <<http://iswresearch.blogspot.com/2016/07/pro-regime-forces-close-main-opposition.html>>. Acesso em: 20 de set de 2018.

Com a atuação das forças pró-Assad, o CICV recebeu autorização para entregar comida e outros itens para 60.000 pessoas no leste de Aleppo, uma das partes mais intensas do conflito e de complicado acesso para as organizações. Com as negociações de Cessar-fogo entre as forças do regime e os rebeldes, o CICV e o SARC tiveram o papel de ajudar a evacuar os civis dessa região. O acordo tinha o intuito de inicialmente evacuar 5.000 pessoas para o norte rural de Aleppo, o que aconteceu no final de dezembro de 2016 em comboios, e com a evacuação e ajuda para 34.000 pessoas, de acordo com o SARC (ATLANTIC COUNCIL, 2017; TARGETED NEWS SERVICE, 2016).

Apesar de ter acontecido a evacuação e da Rússia alegar na época que foi completamente realizada, ativistas de Aleppo e do CICV declararam que muitas pessoas ainda continuaram presas em zonas dominadas por rebeldes, uma situação que só mudaria quando as forças do regime avançaram por todo o território. A Evacuação em si também não foi um processo simples, pois apesar de existir os acordos de cessar-fogo, as vezes um ou o outro lado violava. Também, durante o procedimento, aconteceu de comboios serem violados por rebeldes (SOLOMON; HILLE, 2016; VOA NEWS, 2016).

Com a retomada de Aleppo, não significou que a Guerra Síria chegou ao fim, pois existem conflitos em outras cidades e os rebeldes permanecem em regiões próximas, como é o caso de Idlib que tinha a presença do grupo Jabhat Fatah al-Sham. A necessidade de ajuda humanitária por parte dos civis ainda perdura e a atuação do CICV também se encontra em apoiar o retorno das famílias para Aleppo e a reconstrução da cidade (SOLOMON; DYER, 2016).

3.2 Atuação dos Médicos Sem Fronteiras

Os Médicos Sem Fronteiras (MSF) são uma organização humanitária médica internacional e independente que ajuda pessoas que foram afetadas por conflitos armados, epidemias, desastres naturais e outros problemas de saúde. A ajuda acontece independente de raça, religião, gênero ou posição política (MSF, 2016b). De acordo com Reis e Susana de Deus (2017), o principal fundo que sustenta os MSF vem de milhões de pessoas de diferentes países, por isso a organização atua e oferece cuidados médicos onde for mais necessário. Anteriormente, uma pequena parte dos seus fundos era fornecido por instituição, como a União Europeia (UE) e outras agências relacionadas, mas em 2016 os MSF decidiram suspender os fundos que recebiam da UE ou de Estados-membro.

A atuação dos MSF em Aleppo aconteceu desde 2012, principalmente em áreas dominadas pela oposição ao governo. Os motivos para escolher ajudar em Aleppo foram inúmeros, mas principalmente por causa de seu tamanho, importância econômica e quantidade de civis, já a atividade principal era dar apoio em hospitais ou instalações de saúde e ajudar equipes médicas. No entanto, enfrentaram dificuldades em obter acesso em algumas regiões, inclusive controladas pelo governo, além disso, o fornecimento de assistência foi comprometido devido a trabalhar em zonas com pouca segurança garantida, por isso aconteceram diversas violações testemunhadas pelos médicos da organização, inclusive o assassinato de um cirurgião da equipe. Em 2014, por causa da violência contra os voluntários e o rapto de membros dos MSF, a organização finalizou sua presença na Síria e passou a apenas monitorar a equipe de sírios (MSF, 2015a; TAUB, 2016).

Além de diminuir sua presença em Aleppo, os MSF também não operavam em regiões controladas pelo ISIS, ficavam mais na parte ocidental e central, em lugares cercados que precisavam de mais apoio médico. Também cuidavam de civis ou militares que foram feridos de algum modo, seja por tiros ou bombas, chamados de “*war-wounded*” (feridos em guerra),

mas também existiram os que recebiam assistência, mas morreram, os “*war-dead*” (mortos em guerra). Em 2015, os MSF ainda apoiavam várias instalações e equipes médicas na Síria (MSF, 2015c).

Tabela IV – Norte e Leste Sírio: Número de instalações médicas apoiadas pelos MSF em 2015.

Jan	Feb	Mar	Apr	May	Jun	Jul	Aug	Sep	Oct	Nov	Dec
43	46	32	32	31	32	32	34	34	33	32	27

Fonte: MSF, 2015c, p. 04

Entre as dificuldades enfrentadas pelos membros da organização, estava fornecer ajuda durante situações delicadas, em que bombardeios aconteciam, inclusive um deles atingiu um dos hospitais em que os MSF atuavam em Aleppo, o Hospital Al Quds no leste da cidade, e também um centro pediátrico. Além deste problema, foi condenado o ato de tornar médicos “alvos”, pois estes estavam em sua atuação de ajudar civis e feridos no conflito. A Human Rights reportou que em 2016 a maioria dos médicos tinham ido embora ou foram mortos e que aconteceram mais ou menos 90 ataques em instalações médicas na Síria, com 45 em Aleppo (GULLAND, 2016a; GULLAND, 2016b).

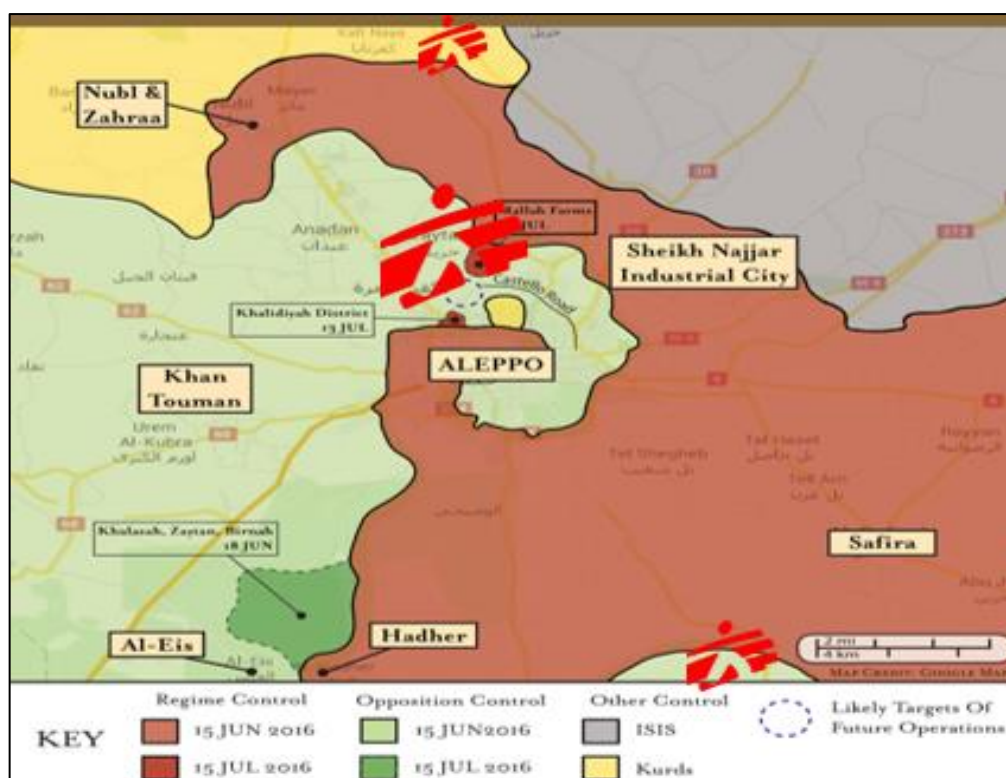
Outra dificuldade foi o acesso aos materiais de saúde, pois existiam uma falta de suplementos e equipe qualificada em serviço, principalmente no leste de Aleppo que estava dominada por grupos opositores. De mais ou menos 2.500 médicos que trabalhavam em Aleppo no começo do conflito, em 2015 restavam menos de 100 nos locais em que ainda existia estrutura para atuar, pois além da destruição ocasionada pelo conflito, os médicos se preocupavam com sua segurança. Outro problema enfrentado foi a falta de eletricidade a noite no leste da cidade, pois isso dificultava os tratamentos e se locomover na região para atender pacientes ou para que os mesmos chegassem até as instalações (MSF, 2015b).

Em 2016, a situação ainda continuava precária em Aleppo, pois além de falta de materiais, os hospitais estavam sofrendo ataques. Os quatro hospitais que eram monitorados pelos MSF, estes que ajudavam com suprimentos médicos, foram bombardeados. Por causa desse problema, os MSF ajudaram na reabilitação de alguns para que voltassem a ser utilizados os locais, no entanto, os estragos continuavam a acontecer, seja na estrutura ou contra a equipe médica (MENA REPORT, 2016b).

A principal atuação dos MSF aconteceu no norte da Síria em seis instalações, duas eram em Aleppo e na região que era controlada por grupos opositores. No que se refere a Aleppo, no ano de 2016 os MSF forneceram assistência no leste da cidade, no Hospital Al Quds

que depois foi atingido, além deste os MSF forneceram suprimentos para oito hospitais, seis centros médicos e três pontos de ajuda no leste da cidade. Os MSF também forneceram suprimentos e outros serviços no distrito Azaz, norte de Aleppo, no hospital Al Salamah, com cirurgias e atendimento aos pacientes, além de distribuírem kits de higiene para famílias deslocadas e ajudar com água e saneamento em Azaz. Em dezembro, quando aconteceu o deslocamento de civis que estavam em zonas dominadas por oposição, os MSF participaram com clínicas móveis, distribuição de itens e vacinas para os que foram evacuados (MSF, 2016a). A figura V mostra esses locais em que os MSF atuaram.

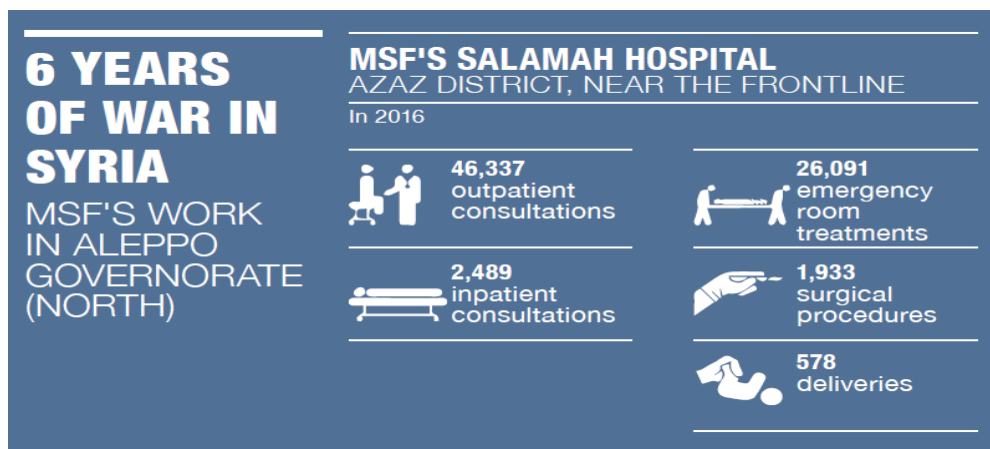
Figura V - A atuação dos MSF em Aleppo em 2016.



Fonte: Institute for the study of war, 2016 (Adaptado pelo Autor). Disponível em: <<http://iswresearch.blogspot.com/2016/07/pro-regime-forces-close-main-opposition.html>>. Acesso em: 20 de set de 2018.

Em Azaz, aconteceu a ajuda realizada por dois pediatras e três médicos no Departamento Ambulatorial, especialmente para crianças malnutridas e doenças que necessitavam de vacina, no total 46.337 consultas com pacientes externos. Enquanto que internamente, teve oito especialistas em emergência que no ano de 2016, juntamente com equipe síria, atenderam 2.489 pacientes. Além disso, foram necessários médicos aptos a realizar cirurgias, em 2016 foram 1.933 operações, 26.091 tratamentos de emergência e 578 entregas de itens (MSF, 2016b).

Figura VI – A ajuda humanitária dos MSF no hospital Salamah em 2016.



Fonte: MSF, 2016b, p. 09

A ajuda dos MSF em água e saneamento acontece pela necessidade da população em manter sua higiene, pois precisavam de água limpa para consumo e sobrevivência, também para evitar que se espalhassem doenças. Em suma, os MSF durante o ano de 2016, forneceram assistência principalmente no norte e leste da cidade, com atuação maior em dois hospitais, mas também contribuíram com suprimentos médicos em outros locais (GULLAND, 2016a; MSF, 2016b).

3.3 Atuação dos Capacetes Brancos

A Defesa Civil Síria, popularmente conhecida como Capacetes Brancos, é formada por voluntários da comunidade local e composta por homens e mulheres que arriscam suas vidas para salvar pessoas de escombros de construções destruídas durante a guerra civil síria e na Batalha de Aleppo. Anteriormente, os membros deste grupo eram padeiros, alfaiates, comerciantes, professores, que passaram a ser treinados na procura e resgate, além de cuidados médicos. Além desta atuação, os Capacetes Brancos fornecem apoio para a reconstrução da infraestrutura e ensinam adultos e crianças maneiras de se prevenir e o que deve ser feito durante ataques aéreos. São pessoas comuns que decidiram não se utilizar de armas e não deixar a Síria, mas sim arriscar suas vidas para salvar qualquer pessoa (ROWLANDS, 2016; MEDIA ADVISORY, 2017).

Alguns vídeos feitos pelo grupo criaram visibilidade para a atuação dos mesmos, um dos mais famosos foi de um bebê com a cabeça presa e o grupo conseguiu tirá-lo com vida dos

escombros. Um documentário sobre os Capacetes Brancos também foi produzido e mostra sua atuação na zona dominada por rebeldes em Aleppo e nas ruas da cidade em busca de pessoas que necessitavam de ajuda e cuidados médicos, enquanto a região estava ameaçada por bombas. No que se refere a liderança do grupo, esta passou a ser feita por Raed Saleh, que antes trabalhava com eletrônicos, e que começou no resgate de civis, além disso, devido a dificuldade em atuar nas zonas onde extremistas estavam, o grupo teve que colaborar para poder ter acesso, isso aconteceu por serem uma organização neutra e independente que foca em salvar vidas, sem importar qual a força que controla a região e o posicionamento político e religioso da pessoa. No entanto, o grupo recebe fundos do governo norte-americano (ISNKEEP, 2016; MEDIA ADVISORY, 2017)

SALEH: [...] Anyone who is under rubble - it's our duty and mandate to go and try to rescue him. We would not ask the person who was under rubble, what's your political opinion? Or what's your religion? It's our duty to go and rescue that person, regardless of his background (INSKEEP, 2016).

Outras atividades realizadas pelos Capacetes Brancos foram montar equipes para liberar o que não foi detonado, como munições cluster, que apresentam perigo para civis que pegam sem conhecimento. Também forneciam ajuda para organizações como a Human Rights Watch, que realiza pesquisas sobre os DH, para documentar quais armas eram usadas no conflito, também faziam apelos para que os ataques indiscriminados, em sua maioria por armas russas, fossem cessados (ROWLANDS, 2016).

Os desafios enfrentados pela organização foram dificuldades em ter acesso aos bairros e a falta de segurança durante seus trabalhos, inclusive em algumas ações foram mortos membros da equipe de resgate devido a barris explosivos caírem onde estavam localizados ou por serem alvos de ataques enquanto ajudavam os que necessitavam. Outra dificuldade foi cuidar dos civis após o resgate, pois membros dos Capacetes Brancos alegavam que quatro de seus centros montados em Aleppo foram destruídos junto com alguns de seus veículos, e que esse tipo de ataque não parecia um acidente (BESHEER, 2016; FORDHAM, 2016).

Em 2016, o grupo atuou no leste de Aleppo, e por ser uma região dominada por grupos opositores foi constantemente atacada para que o governo pudesse retomar o seu controle. No entanto, essa ação colocou em risco a vida dos civis que permaneciam no local e os grupos que tentavam realizar a ajuda humanitária, por isso, na época, os Capacetes Brancos pediram uma *no-fly zone* e corredores humanitários onde pudesse ser realizado a ajuda sem preocupação com ataques aéreos. Pois, caso contrário, a situação de Aleppo se tornaria um caso de grande desastre

humanitário. Uma das resoluções dessa situação foi a trégua e cessar-fogo para que os civis dessa região pudessem ser deslocados (US FED NEWS SERVICE, 2016).

Entretanto, apesar de ficarem conhecidos por sua atuação em meio ao caos, o grupo também recebeu críticas, uma delas feita por médicos profissionais que apontavam que os Capacetes Brancos não tinham expertise médica para alguns casos e que a postura bem-intencionada poderia causar mais problemas do que alívio. Essa crítica foi revertida ao receberem treinamento médico e de resgate, e o capacete branco que passou a simbolizar o grupo. Outra crítica diz respeito a ligação do grupo aos EUA, que se posicionou contra o governo de Assad e parecia utilizar os DH como forma de legitimar suas operações. Aconteceram acusações de que os Capacetes Brancos foram usados pelos EUA e UE como uma forma de propaganda para que aconteça uma mudança de regime na Síria, pois seus vídeos e acusações de ataques eram mais voltados para os atores pró-Assad (LIN, 2016; MILLER, 2014).

As críticas a essa ligação surgem porque, apesar de começarem de forma independente, os Capacetes Brancos passaram a ser financiados pelos EUA e UE, e vídeos e fotos de membros do grupo com armas e em contato com extremistas foram compartilhados na mídia. A real Defesa Civil Síria faz parte da Organização Internacional de Defesa Civil (sigla em inglês, ICDO), criada em 1972, juntamente com a OCHA, Cruz Vermelha e Crescente Vermelho, etc, no entanto, os Capacetes Brancos não são um membro e foram criados em 2012, mas se apresentam como a Defesa Civil Síria e atuaram em regiões dominadas pelo Al Nusra e opositores, além disso, a principal fonte sobre sua atuação são as mídias ocidentais (LIN, 2016; SPUTNIK, 2016).

O governo e seus aliados, um deles a Rússia, foram acusados de atacar construções importantes e matar muitos civis, por isso o governo sírio e russo começaram a questionar a credibilidade das informações passadas por testemunhas, uma das principais fontes era o grupo Capacetes Brancos, e alegavam que eram vítimas de farsas criadas pela organização. O grupo também foi acusado de trabalhar com a Al-Qaeda e o Jabhat Fateh al-Sham, e disseminar propaganda contrária ao governo, pois divulgavam o que era feito em Aleppo por um dos lados do conflito. No entanto, as acusações não estavam relacionadas com as atividades feitas pelo grupo, de resgatar e cuidar de civis afetados, mas sim do que era documentado sobre o lado que tornava essa população vítima. Entretanto, muitos dos ataques reportados pelo grupo foram confirmados por outras fontes, como câmeras de segurança e imagens de satélite, mas as acusações e críticas feitas criaram desconfianças sobre a veracidade do que era informado pela organização (ATLANTIC COUNCIL, 2017).

Em síntese, nos documentos não são mencionadas possíveis parcerias entre as três organizações. No entanto, as três atuaram no leste da cidade e é relatado a ajuda dos Médicos Sem Fronteiras e da Cruz Vermelha durante a evacuação de civis ao final de 2016. Não é possível afirmar que as três realizaram ações totalmente de forma independente, pois em alguns momentos a ONU é citada também no fornecimento de suprimentos, mas provavelmente, baseada nas informações dos locais em que estiveram, estavam agindo em bairros diferentes. Também não é citado a participação de outros atores humanitários na cidade, apenas focam no que foi realizado pela organização e o que forneceram.

Além disso, o cessar-fogo foi importante para a atuação das três organizações, pois as principais dificuldades estavam relacionadas com a falta de segurança e os bombardeios. Por isso, o cessar-fogo foi importante para terem acesso e ajudarem os civis que estavam naquela área e também poderem atuar sem tanto perigo. Apesar de Aleppo ter sido dividida e dominada por oposição e pelo regime, foi importante que essas organizações conseguiram de alguma forma ajudar os civis que permaneciam na cidade. Porém, é notável, a partir dos mapas e bairros em que estiveram, que muitos outros locais não receberam ajuda dessas organizações, mas não é descartado que talvez tiveram presença de outros atores humanitários.

CONCLUSÃO

O tema escolhido para pesquisa foi “ajuda humanitária” e, inicialmente, foi pensada a possibilidade de tratar dos refugiados sírios e como estes recebem assistência. No entanto, para entender as razões desses indivíduos serem refugiados, era também necessário saber o que acontecia em seu país. Ao entender mais o conflito sírio e os problemas internos que culminaram no deslocamento de muitos civis, ficou em evidência também a grande necessidade daqueles que permaneciam no país e que ficaram presos em cercos, pois estes precisavam suprir necessidades básicas, mas recebiam poucas respostas neste sentido, por isso surgiu o interesse de compreender como os civis conseguiram suprimentos.

Ao compreender mais o conflito sírio, seus atores internos, regionais e internacionais, são notáveis a dinâmica e o interesse dos lados, principalmente se houvesse benefícios com a saída, ou não, do presidente. Nesse cenário, várias cidades sírias tiveram destaque em suas manifestações e conflitos diretos com as forças do governo, mas Aleppo chamou atenção por ser uma grande cidade e importante para o governo e oposição, o que ocasionou em sua divisão e em seu território dominado por diversos grupos, o que parecia um problema para que as pessoas que permaneciam na cidade recebessem algum alívio.

No entanto, para compreender o que é fornecido aos civis em situações de conflito e guerra, foi preciso se aprofundar no que é a Ajuda Humanitária, pois esta pode acontecer em diversos contextos, inclusive desastres naturais. Também é importante entender quem faz essa ação e quais as dimensões dessa prática, pois existem muitos atores humanitários e alguns com papéis específicos nesses contextos. Além disso, por ser um conflito que tem tirado muitas vidas e deslocado muitos indivíduos, era preciso se aprofundar um pouco sobre o Direito Internacional Humanitário, pois a gravidade deste cenário se encontra nas violações que aconteceram e que ferem os direitos humanos de cada um dos civis, vítimas naquele país.

Das pesquisas acerca da ajuda, emerge a atuação de diversos grupos, com destaque para a Cruz Vermelha e os Médicos sem Fronteiras. Entretanto, a Organização das Nações Unidas (ONU) também tem um papel importante em ajudar civis, e suas agências especializadas, seja em cuidar dos refugiados ou de crianças, tem o propósito de dar assistência a diversos grupos que necessitam de ajuda. No entanto, neste trabalho não foi analisada a atuação da ONU, pois um de seus principais envolvimento foi se utilizar da Cruz Vermelha e Crescente Vermelho Árabe Sírio para que estes levassem os suprimentos e tivessem acesso aos bairros. A comunidade internacional cobrou posicionamento da ONU, mas uma intervenção

não era possibilidade, pois Rússia e China vetaram, o que só mudaria com o uso de armas químicas por meio do governo, pois é considerado um caso extremo. Entretanto, é citado por diversos autores que a ONU também teve uma participação direta na ajuda na Síria e em Aleppo, mas principalmente por meio de outras organizações.

O foco no que foi realizado pela Cruz Vermelha e os Médicos sem Fronteiras surgiu devido a esses dois atores não atuarem apenas por causa de violações aos Direitos Humanos, mas porque buscam suprir as necessidades de qualquer indivíduo que precise de alguma ajuda, além disso prezam por uma atuação de forma neutra e independente. Apesar da Cruz Vermelha receber fundos de muitos Estados, inclusive que se posicionaram no conflito, também recebe de civis e seus voluntários não devem agir de forma parcial, pois isso iria de encontro com os princípios da organização. Enquanto que os Médicos sem Fronteiras também recebiam fundos, principalmente da União Europeia, mas cortaram e também buscam serem imparciais em suas atividades.

Os Capacetes Brancos surgiram durante o conflito e ficaram muito conhecidos por seus vídeos de resgates a civis em meio a escombros, o que até originou um documentário para mostrar o trabalho realizado. Porém, foi uma organização que recebeu muitas críticas principalmente por parte do governo sírio e da Rússia, pois alegavam que o grupo estava criando vídeos falsos sobre as forças pró-Assad e os ataques em Aleppo. Entretanto, o interesse era entender um pouco como um grupo que surgiu recentemente lida com a ajuda humanitária, e o que foi notado é que precisaram aprender cuidados médicos para poder socorrer os civis.

Na análise do que foi feito por cada um dos grupos, o intuito era apresentar o que cada um fez de modo geral, mas principalmente em 2016, que foi o ano decisivo na Batalha de Aleppo e na retomada da cidade. Da Cruz Vermelha e Crescente Vermelho, aconteceram muitas atividades, seja em distribuir alimentos, kits de saúde, saneamento, fornecer água, arrumar geradores de energia, montar abrigos e ajudar no deslocamento de civis da parte leste da cidade. Os Médicos sem Fronteiras tiveram uma atuação menor em 2016, pois em anos anteriores o grupo teve muitos riscos, por isso estavam presentes especificamente em dois hospitais e forneciam suprimentos médicos para alguns outros setores, mas seu papel passou a ser bem mais de apoio a equipes que estavam na cidade. Enquanto que os Capacetes Brancos, inicialmente tiravam civis de escombros, mas depois passaram a também atuar em cuidados médicos. Apesar das críticas recebidas, não é tão questionado se realmente a ajuda acontecia, mas sim se era parciais em seus julgamentos e se defendiam apenas um lado, pois foram acusados de se aliarem com forças opositoras.

As três organizações tiveram uma presença no leste de Aleppo, a região que ficou dominada mais por opositores e extremistas. No que é relatado, as principais dificuldades evidenciadas foram lidar com os bombardeios, pois em 2016 as forças pró-Assad estavam empenhadas em retomar o território e era necessário expulsar os grupos daquela zona. Nos documentos das organizações, ou em notícias relacionadas aos Capacetes Brancos, não é mencionado como esses atores tiveram acesso ao leste da cidade e como lidavam com os grupos ali presentes. Em alguns trabalhos é citado que era preciso requisitar o acesso a alguns bairros, independente de quem o dominava, e até fazer acordos para que se pudesse fornecer a ajuda. Em alguns casos em que não tinham acesso, era preciso soltar os suprimentos no bairro por meio de aviões, mas em nenhum dos documentos explicava em quais bairros não foi possível atuarem por ser negado ou perigoso, também não elucidavam como era feita a distribuição, ou se as forças que dominavam o território é que ficavam responsáveis por esse ponto. O principal foco foi mostrar os dados do que foi fornecido nessas zonas em que tiveram acesso.

Outro ponto a ser destacado, é que apesar de citarem em que bairros estavam presentes, tinham outros casos em que apenas citavam que foi no Norte ou Oeste, mas não eram específicos. Já os Capacetes Brancos, há apenas informações de sua forte atuação no Leste, mas não sobre as dificuldades que surgiram além dos ataques ao local. Além disso, é muito mais apontado quantas pessoas conseguiram ajudar, mas não quantas estavam precisando de ajuda, assim fica difícil definir o quão eficiente foi a ajuda humanitária em Aleppo. Por muitas das notícias serem ocidentais, também existia grande foco em destacar que a cidade era bombardeada e que muitos precisavam de ajuda, mas pouco era mencionado sobre como, de fato, acontecia essa assistência.

Entretanto, o principal questionamento sobre o que cada uma dessas organizações fez em Aleppo foi evidenciado, mas caso um dos objetivos fosse entender como foi feita a distribuição nos bairros e a dificuldade em não conseguir entrar em outros, neste ponto haveriam limitações na pesquisa e para sanar essas dúvidas seria preciso um aprofundamento e a busca por outras fontes, um dos meios poderiam ser entrevistas. Além deste possível aprofundamento, outra forma de explorar o tema e a ajuda em Aleppo seria focar no papel da ONU e de suas agências, para entender qual a atuação da organização em crises humanitárias, mesmo que tenham membros envolvidos no conflito. Também não deve ser descartado os refugiados desse país, pois podem ter estudos sobre como estes recebem ajuda, seja do país hospedeiro ou de outros atores humanitários, além de evidenciar a adaptação dos mesmos em outro ambiente.

O presente trabalho fornece uma contextualização do conflito sírio e da Batalha de Aleppo, como funciona a ajuda humanitária neste caso e, especificamente, como a Cruz Vermelha, os Médicos sem Fronteiras e os Capacetes Brancos ajudaram civis de Aleppo durante o cerco que chegava a sua conclusão em 2016. No século XXI, é notável que existem diversos conflitos e muitos deles considerados irregulares, por isso é relevante saber como, nestas situações, as pessoas recebem alívio e continuam a sobreviver mesmo quando seus direitos mais fundamentais são violados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKAFF, Syed Huzaifah Bin Othman. Syria. **Counter Terrorist Trends And Analyses**, v. 8, n. 1, p.87-91, 2016.

AMNESTY INTERNATIONAL. Torture, Disease and Death in Syria's Prisons. **Amnesty International Ltd**, Londres, p.12-20, 2016.

AMORIM, Carolina Lima et al. **Deslocamento Forçado de Civis em Aleppo Oriental: Crime de Guerra ou saída Humanitária?**. In: XIV Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional, Resende, 2017, p. 1 - 18.

AMSTUTZ, Mark. **"The Ethics of War"**. In: AMSTUTZ, Mark. **International Ethics: Concepts, Theories, and Cases in Global Politics**. New York: Rowman & Littlefield, p. 96-109, 2013.

ANDRADE, George Bronzeado de. A Guerra Civil Síria e a Condição dos Refugiados: um antigo problema, "reinventado" pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional. **Revista de Estudos Internacionais**, v. 2, p.121-138, 2011.

ATLANTIC COUNCIL. Breaking Aleppo. **The Atlantic Council of the United States**, 2017, p. 1-70.

BAAS, Saskia. Syria's Armed Opposition: A Spotlight on the 'Moderates'. **Sana Dispatches: Security Assessment in North Africa**, p.01-16, 2016.

BAPTISTA, Joao Luis. **Ação humanitária**: notas teóricas a relato de uma experiência pessoal. *Cadernos de Estudos Africanos*, 15 | 2008, pp. 99-121

BARBOSA, Fernando de Alvarenga. **Direito Internacional Humanitário – DIH: o princípio da proteção humana frente aos conflitos armados**. Saber Digital: Valença, v.1, n1, p. 34-46, 2011.

BARNETT, Michael. **Humanitarianism Transformed**. Perspectives on Politics, v.3 n.4, 2005.

BERNARD, Vincent. **War in Cities: The Spectre of Total War**. International Review of the Red Cross, 98 (1), p. 1-11, 2016.

BESHEER, Margaret. **Doctors Describe Horrendous Conditions in Syria's Aleppo**. Voice of America News/FIND: Washington, 2016.

BLOUIN, Max; PALLAGE, Stephanie. **Humanitarian Relief and Civil Conflict**. Journal of Conflict Resolution, 52 (4): pp. 548-565, 2008.

BÖTTCHER, Annabelle. **Humanitarian Aid and the Battle of Aleppo**. Syddansk Universitet, 2016.

BOUVIER, Antoine A. **“Introdução Geral ao Direito Internacional Humanitário (DIH): Definições e Campos de Aplicação”**. In: BOUVIER, Antoine A. Direito Internacional Humanitário e Direito dos Conflitos Armados. Instituto para Treinamento em Operações de Paz, p. 1-25, 2000.

CAFARELLA, Jennifer; CASAGRANDE, Genevieve. Syrian Armed Opposition Forces in Aleppo. **Institute for the Study of War**, 2016, p. 1-17.

CAVALCANTI, Klester. **Dias de Inferno na Síria**. Benvirá, pp. 296, 2012.

CHANDLER, David G. **The Road to Military Humanitarianism: How the Human Rights NGOs Shaped A New Humanitarian Agenda**. Human Rights Quarterly, Volume 23, Number 3, 2001, pp. 678-700.

CHOI, S.; SALEHYAN, I. **No Good Deed Goes Unpunished: Refugees, Humanitarian Aid, and Terrorism**. Conflict Management and Peace Science, pp. 53-75, 2013.

CICCO FILHO, Alceu José. Direito Internacional Humanitário e a Atuação da Cruz Vermelha na América Latina. Revista do Tribunal Regional Federal 1. Região, v. 1, p. 48-59, 2009.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA (CICV). **DIH – O Essencial do Direito Internacional Humanitário**. CICV, 2018. Disponível em: <<https://shop.icrc.org/icrc/pdf/view/id/376>>. Acesso em: 15 de out de 2018.

CRAVEIRO, Ana Margarida. A Grande Crise Existencial do Humanitarismo Uma Leitura Comparada de Duffield e Rieff. **Nação e Defesa**, n. 120, p.145-164, 2008.

CURTIS, Devon: Overseas Development Institute Report. **Politics and Humanitarian AID: Debates, Dilemmas and Dissension**. Report of the Conference organized by Polis at the University of Leeds and. CAFUD, Londres, 2001.

EUPRHA (European Universities on Professionalization on Humanitarian Action). **The State of Art of Humanitarian Action: A Quick Guide on the current situation of Humanitarian Relief, its Origins, Stakeholders and Future**, 2013. Disponível em: <<http://euhap.eu/upload/2014/09/the-state-of-art-of-humanitarian-action-2013.pdf>>. Acesso em: 30 abril de 2018.

EVERETT, Andrea. **“Post-Cold War Complex Humanitarian Emergencies: Introducing a New Dataset”**. Conflict Management and Peace Science 33 (3): 311–39, 2016.

FERRIS, Elizabeth; KIRIŞCI, Kemal. **“The Context, Causes, and Consequences of Syrian Displacement”**. In: FERRIS, Elizabeth; KIRIŞCI, Kemal. *The Consequences of Chaos: Syria’s Humanitarian Crisis and The Failure to Protect*. Brookings Institution Press, 2016.

FORDHAM, Alice. **Syrian Airstrikes Target White Helmets Volunteer Group In Aleppo**. All Things Considered: Washington, D.C., 2016.

FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique; AGUILAR, Sergio L. C. A Guerra Civil Síria, o Oriente Médio e o Sistema Internacional. **Observatório de Conflitos Internacionais**, v. 1, p.01-06, dez. 2014.

G1. **Guerra na Síria já deixou mais de meio milhão de mortos, diz ONG**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/guerra-na-siria-ja-deixou-mais-de-meio-milhao-de-mortos-diz-ong.ghtml>>. Acesso em 28 de jul de 2018.

GARCIA-NAVARRO, Lourdes. **Hospital In Aleppo 'Fully Destroyed' In Airstrike, Red Cross Says**. Morning Edition: Washington, D.C, 2016.

GONÇALVES, Isadora d’Avilla Lima Nery. **A voz de um povo: os refugiados sírios no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1465613896_ARQUIVO_ArtigoAnaisANPUH_IsadoraGoncalves2016.pdf>. Acesso em: 22 de ago de 2018.

GONZALES, Miriam. **Food Aid in Syria: Good Intentions, Unintended Outcomes**. Chicago Policy Review, 2016.

GULLAND, Anne. **Main paediatric centre in Aleppo is destroyed by Airstrike**. The bmj, 2016a.

GULLAND, Anne. **Syria violence is condemned as evacuation begins**. The bmj, 2016b.

HOLZGREFE, J. L. **“The Humanitarian Intervention Debate”**. In: HOLZGREFE, J. L.; KEOHANE, Robert O. (Org.). Humanitarian Intervention: Ethical, Legal, and Political Dilemmas. Eua: Cambridge University, p. 15- 52, 2003.

INSKEEP, Steve. **Netflix Film Documents White Helmet Volunteers Who Save Lives In Aleppo**. Morning Edition: Washington, D.C., 2016.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS (ICRC). **Facts and Figures**. We Believe that people’s humanitarian needs should come first. ICRC, 2016a.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS (ICRC). **Near and Middle East**. Annual Report. ICRC, 2016b.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS (ICRC). **Operations**. The ICRC around the world. 2015a.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS (ICRC). **Syrian Arab Republic** - Annual Report. ICRC, 2015b.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. **Pro regime forces close main opposition**. 2016. Disponível em: <<http://iswresearch.blogspot.com/2016/07/pro-regime-forces-close-main-opposition.html>>. Acesso em: 20 de set de 2018.

JACOB, Mariana Alencar; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. **Os Precedentes Históricos do Direito Internacional Humanitário**. In: ETIC - Encontro de Iniciação Científica, v.10, n.10, p. 1-32, 2014.

KISSINGER, Henry. O islamismo e o Oriente Médio: um mundo em desordem. In: KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Objetiva, Cap. 3, p. 74-104, 2014.

KRASNER, Stephen D. **Sovereignty. Organized Hypocrisy**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

LABBÉ, Jérémie. **Rethinking Humanitarianism: Adapting to 21st Century Challenges**. International Peace Institute. New York: 2012. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/ipi_pub_rethinking_humanitarianism.pdf>. Acesso em: 01 maio de 2018.

LIMA, Thiago; RENSI, Julia; BELMONT, Flávia. A Ajuda Alimentar Internacional em Guerras Civis: alívio humanitário ou intensificação de flagelos?. **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, ISSN 2236-4811, Vol. 7 (1), 2016.

LIN, Christina. White Helmets—US Hybrid Warfare For Regime Change Operations?. **ISPSW Strategy Series: Focus on Defense and International Security**, n. 456, 2016.

LUA OVN. **Brigada al-Tawhid**. S.d. Disponível em: <https://www.lua.ovh/mundo/pt/Brigada_al-Tawhid>. Acesso em: 29 de jul de 2018.

LOBO DE SOUZA, Ielbo Marcus. A Responsabilização Internacional de Grupos Armados de Oposição. **Revista de Informação Legislativa**, v. 52, p. 41-60, 2015.

LUCAS, Scott. **A Beginner's Guide to Syria's Civil War**. Political Insight, p. 12-15, 2016.

MAGALHÃES, Maj Bruno Barbosa Fett de. Guerras Assimétricas e Humanitarismo. **Military Review**, p.93-100, 2016.

MARTÍNEZ, Ciro; ENG, José and Brent. **The Unintended Consequences of Emergency Food Aid**: Neutrality, Sovereignty and Politics in the Syrian Civil War, 2012-15. International Affairs, 2016.

MARTINI, Jeffrey; YORK, Erin; YOUNG, William. Syria as an Arena of Strategic Competition. **Rand Corporation**, p.01-10, 2013.

MEDECINS SANS FRONTIÈRES (MSF). **Aleppo: Medical Aid Besieged From Medical Care under Fire to the Near Impossibility of Humanitarian Action**. Doctors Without Borders, 2015a.

MEDECINS SANS FRONTIÈRES (MSF). **Aleppo's Reality: Daily Life under Barrel Bombs - Voices from Eastern Aleppo**. Doctors Without Borders, 2015b.

MEDECINS SANS FRONTIÈRES (MSF). **Syria 2015: Documenting war-wounded and war-dead in MSF-supported medical facilities in Syria**. Doctors Without Borders, 2015c.

MEDECINS SANS FRONTIÈRES (MSF). **2016 US ANNUAL REPORT**. Doctors Without Borders, 2016a.

MEDECINS SANS FRONTIÈRES (MSF). **Syria Crisis Activity Report**. Doctors Without Borders, 2016b.

MEDIA ADVISORY. **The White Helmets on Screen**. The Right Livelihood Award: Geneva, 2017.

MENA REPORT. **Syria Arab Republic: Syria: Attack on humanitarian convoy is an attack on humanity**. MENA Report: London, 2016a.

MENA REPORT. United Kingdom: **Aleppo: Trapped, under attack and struggling to survive**. MENA Report: London, 2016b.

MILLER, Anna Lekas. **Syria's White Helmets: the most dangerous job in the world**. OpenDemocracy: London, 2014.

MURDIE, Amanda; PEKSEN, Dursun. **The Impact of Human Rights INGO Shaming on Humanitarian Interventions**. The Journal of Politics, Vol. 76, No. 1, pp. 215-228, 2013.

NASCIMENTO, Daniela. Do “Velho” ao “Novo Humanitarismo”: os Dilemas da Ação Humanitária em Contextos de Conflito e Pós-Conflito Violento. **Nação e Defesa**, n. 135, p.93-113, 2013.

NETO, José Cretella. **Atividades humanitárias das organizações internacionais: alguns casos de atuação da ONU**. *Ius Gentium*, Curitiba, ano 5, n. 9, p. 23-47, jan./jun. 2011.

NIELSON, Poul. **International Humanitarian Assistance in Conflict Situation**. Université Catholique de Louvain Louvain-La-Neuve, pp. 4, 2003.

NUNN, Nathan; QIAN, Nancy. **US Food Aid and Civil Conflict**. The American Economic Review, Vol. 104, No. 6, pp. 1630-1666, 2014.

OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (OCHA). **Syrian Arab Republic: Aleppo – Situation Report**. United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, 2016.

PAUTASSO, Diego; ROCHA, Douglas de Quadros. O conflito na Síria e o retorno da Rússia ao Oriente Médio. **Boletim de Conjuntura: NERINT**, Porto Alegre, v. 2, n. 5, p.30-41, abr. 2017.

PEREIRA, Karla Laryssa de Castro. Direito Internacional Humanitário. **XII Anuário Brasileiro de Direito Internacional**, v. 2, n. 23, p.60-86, jul. 2017.

PICCOLLI, Larlecianne; MACHADO, Lauren; MONTEIRO, Valeska Ferrazza. A Guerra Híbrida e o Papel da Rússia no Conflito Sírio. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 3, n. 1, p.189-203, 2016.

POLICY ANALYSIS. **Aleppo Defies the Imposition of Russia's will on the Syrian People**. Arab Center For Research And Policy Studies, 2016.

RAWICK, Myriam. **O Diário de Myriam**. Darkside Books, 320 p, 2018.

REGIS, André. Intervenções Humanitárias, soberania e a emergência da Responsabilidade de Proteger no Direito Internacional Humanitário. **prim@ facie** – ano 5, n. 9, jul./dez. 2006, p. 5-17.

REIS, Renata. DEUS, Susana de. **Doctors Without Borders: Coherent Principles**. SUR 25, v.14, n.25, p. 259 – 264, 2017.

RIDDELL, Roger C. **Does Foreign Aid Really Work?**. Amsterdam University Press, pp. 47-79, 2009.

ROWLANDS, Lyndal. **133 Organisations Nominate Syria's WhiteHelmets for Nobel Peace Prize**. Inter Press Service: New York, 2016.

SAMPAIO, Ana Paula et al. Síria: um Estado Falido?. **Fronteira**: Belo Horizonte, v.11, n. 21, p. 6-22, 2016.

SANT'ANA, Pablo Martins Santos. Consequências da Primavera Árabe na Síria: nova diáspora em questão?. **Revista de Geopolítica**, v. 9, n. 1, p.68-79, 2018.

SAVELSBERG, Joachim J. **"The Humanitarian Aid Field and Doctors Without Borders"**. In: Representing Mass Violence. University of California Press, 2015.

SILVA, Ana Karolina Moraes da; SILVA, Renan Silvestro Alencar. A Guerra na Síria e a luta pela unidade territorial. **Revista de Geopolítica**, v. 9, n. 1, p.80-93, 2018.

SILVEIRA, A. K.. A intervenção humanitária como forma legítima de proteção dos direitos humanos. **Revista Eletrônica de Direito Internacional**, v. 4, p. 362-390, 2009.

SOLOMON, Erika; DYER, Geoff. **The battle for Aleppo: 'It felt like the last goodbye'**. The Financial Times Limited: London, 2016.

SOLOMON, Erika; HILLE, Kathrin. **Aleppo evacuation is complete, claims Russia**. The Financial Times Limited: London, 2016.

SPEARIN, Christopher. Private, Armed and Humanitarian? States, NGOs, International Private Security Companies and Shifting Humanitarianism. **SAGE Publications**, Vol. 39(4): 363–382, 2008.

SPUTNIK. O lado ‘escuro’ dos Capacetes Brancos: 5 fatos sobre os ‘defensores civis da Síria’. Sputnik: Oriente Médio e África, 2016. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/201612177202322-capacetes-brancos-lado-escuro/>. Acesso em: 15 de set de 2018.

STERN, Jessica; BERGER, J. M. Crescimento e Queda da al-Qaeda no Iraque. In: STERN, Jessica; BERGER, J. M. **Estado Islâmico: Estado de Terror**. Vogais Portugal, 2015. Cap. 1. p. 35-54.

STRBAC, Katarina; PETRUSIC, Natasa; TERZIC, Katarina. **Redefining the Role of Humanitarian Organizations in Civil Emergencies**. Connections, Vol. 6, No. 4, pp. 45-61, 2007.

STRÖMBERG, David. **Natural Disasters, Economic Development, and Humanitarian Aid**. The Journal of Economic Perspectives, Vol. 21, No. 3, pp. 199-222, 2007.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **‘Houriya’ a Child that was born during the humanitarian crossing in Aleppo**. 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/houriya-child-born-humanitarian-crossing-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Aleppo branch responds to northern rural Aleppo health needs**. 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-aleppo-branch-responds-northern-rural-aleppo-health-needs/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Aleppo continues to secure new sources of water**. 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-aleppo-continues-secure-new-sources-water/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Aleppo delivers a Generator set to Improve water pumping.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-aleppo-delivers-generator-set-improve-water-pumping/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Aleppo delivers another 200 dialysis sessions.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-aleppo-delivers-another-200-dialysis-sessions/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Aleppo delivers humanitarian aid to Nabul and Al-Zahraa.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-aleppo-delivers-humanitarian-aid-nobul-al-zahraa/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Aleppo provides Medical Services at Al-Shahba Medical Center.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-aleppo-provides-medical-services-al-shahba-medical-center/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Aleppo Works on providing safe water to heath facilities.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-aleppo-works-providing-safe-water-heath-facilities/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Boreholes Rehabilitation process covers several areas in Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/boreholes-rehabilitation-process-covers-several-areas-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Convoy of Humanitarian Aids Reaches Western Rural Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/convoy-humanitarian-aids-reaches-western-rural-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Convoy of Humanitarian aids reaches Northern Aleppo countryside.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/convoy-humanitarian-aids-reaches-northern-aleppo-countryside/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Delivering a convoy supported by UN Agencies to Rural Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/delivering-convoy-supported-un-agencies-rural-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Delivering electricity generators to several places in Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/delivering-electricity-generators-several-places-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Delivering school books to eastern parts of Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/delivering-school-books-eastern-parts-aleppo-2/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Delivering seasonal influenza medications to eastern parts of Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/delivering-seasonal-influenza-medications-eastern-parts-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Delivers generators to Aleppo city and countryside.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-delivers-generators-aleppo-city-countryside/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Improving living conditions for 8766 affected person in several areas of Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/improving-living-conditions-8766-affected-person-several-areas-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **More than 142 million meals were distributed in Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/142-million-meals-distributed-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **Resumption Water pumping many neighborhoods of Aleppo.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/resumption-water-pumping-many-neighborhoods-aleppo/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

SYRIAN ARAB RED CRESCENT (SARC). **SARC crosses frontlines to deliver humanitarian aids to western Aleppo countryside.** 2016. Disponível em: <<http://sarc.sy/sarc-crosses-frontlines-deliver-humanitarian-aids-western-aleppo-countryside/>>. Acesso em: 18 de set de 2018.

TARGETED NEWS SERVICE. **Red Cross, Red Crescent: Everyone Wounded During Armed Conflict Has Right to Health Care.** Targeted News Service: Washington, D.C., 2016.

TARGETED NEWS SERVICE. **Syria: Emergency Relief for Over 90,000 People Across Aleppo Governorate.** Targeted News Service: Washington, D.C., 2014.

TAUB, Ben. **The shadow doctors.** The New Yorker: New York, vol. 92, 2016.

TRICONTINENTAL. A Guerra Sangrenta e Implacável da Síria. **Dossiê #3**, p.03-24, abr. 2018.

TYNER, Evan. **Do Territorial Control and the Loss of Territory Determine the Use of Indiscriminate Violence by Incumbent Actors?** An Examination of the Syrian Civil War in Aleppo over 45 Weeks. *Journal of Terrorism Research*, 7(1), 52-66, 2016.

US FED NEWS SERVICE. **Syria's White Helmets: 'we need a no-fly zone and humanitarian corridors'**. US Fed News Service/US State News: Washington, D.C., 2016.

VISENTINI, Paulo Fagundes et al. O Verão Árabe: guerra civil e intervenção internacional na Líbia, Síria e Iêmen. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 51, p.57-79, 2012.

VOA NEWS. **Red Cross: 2,000 Desperate Civilians Evacuated from Aleppo**. Voice of America News/FIND: Washington, 2016.

WEISS, Thomas G. **A Cultura Humanitária Contestada em Zonas de Guerra**. *Contexto Internacional*, 36 (2): 305-348, 2014.

ZAHREDDINE, Danny. A CRISE NA SÍRIA (2011-2013): UMA ANÁLISE MULTIFATORIAL. **Revista Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p.06-23, nov. 2013.

ZANATELI, Gabriel Pascoal et al. **O Direito Internacional dos Conflitos Armados no Século XXI: uma breve análise da evolução das guerras nos séculos e dos conflitos existentes na Síria e no Iraque**. In: XIV Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional, Resende, 2017, p. 1-20.

ZAROCOSTAS, John. **Syrian crisis: aid delivery becoming increasingly Difficult**. *The Lancet*: London, Vol. 388, Ed. 10044, 2016.